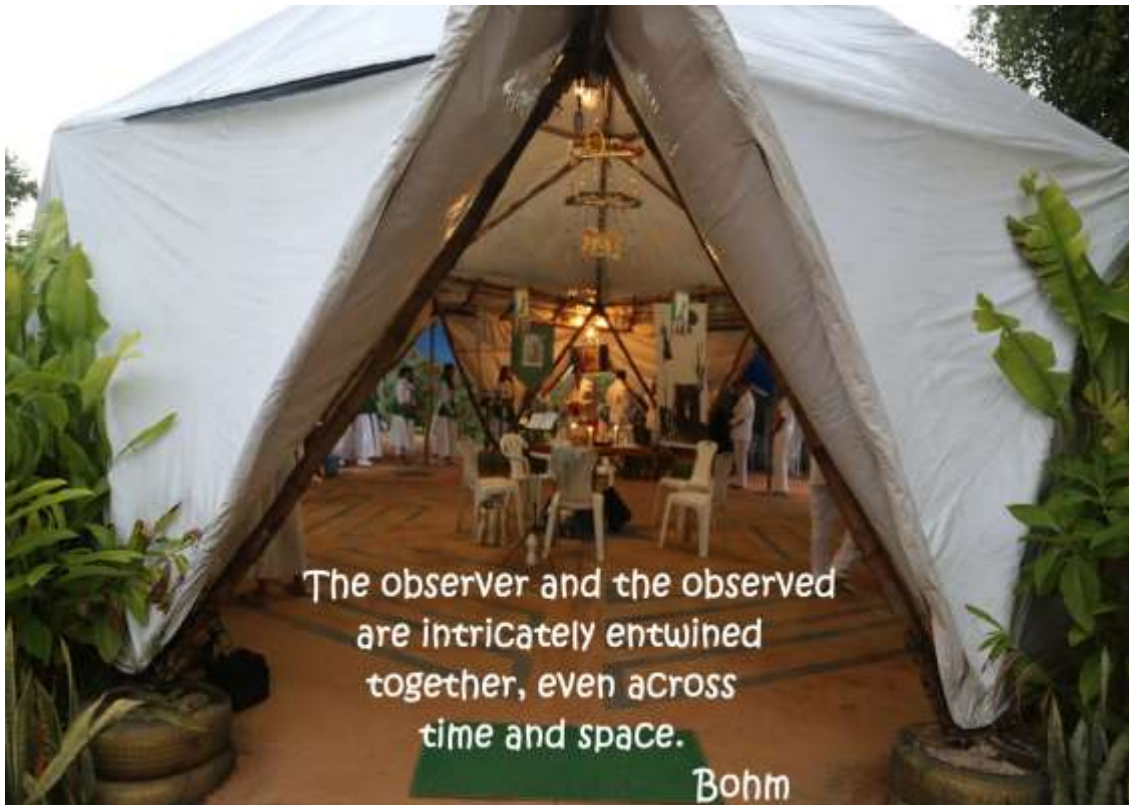


ANTROPOLOGIA 3:



Fotografia: Sílvia Martins

APRESENTAÇÃO DO PROFESSOR

Queridos alunos e alunas,

Gostaria de dar boas vindas a essa disciplina Antropologia 3, que faz parte da grade curricular do curso de Licenciatura em Ciências Sociais a Distância do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas. Antropologia é uma ciência fascinante. O objetivo principal dos estudos a serem desenvolvidos dentro da disciplina Antropologia 3 é introduzir aos alunos várias escolas antropológicas que fazem parte da própria história de como essa ciência vem se desenvolvendo em diferentes países. Assim, é esperado que a partir desses conteúdos vocês sejam capazes de entender as diferentes matrizes paradigmáticas formadoras do pensamento antropológico moderno e pós-moderno. Desejo um bom aproveitamento em seus estudos e que considerem interessante as leituras dos variados materiais que farão parte dessa disciplina.

PLANO DA DISCIPLINA

Curso: Licenciatura em Ciências Sociais

Disciplina: Antropologia 3

Carga horária total: 60h (presencial: 20h / online: 40h)

Professora: Sílvia A. C. Martins, Ph.D.

Ementa:

A Antropologia e o processo de descolonização. O desenvolvimento do funcionalismo britânico. O estruturalismo de Claude Lévi-Strauss. Marxismo e Antropologia. Novas tendências do culturalismo norte-americano. Geertz e a interpretação das culturas. Antropologia simbólica. Antropologia dinâmica. Temas e abordagens antropológicas da cultura em tempos de globalização.

Conteúdos:

Unidade 1 – Metodologia Antropológica, o Processo de Descolonização

- 1.1 Metodologias Antropológicas: Paradigmas e Matriz disciplinar na Antropologia
- 1.2 A Antropologia e o Processo de Descolonização
 - 1.2.1 A Antropologia e o Antirracismo
 - 1.2.2 Metodologias descolonizadoras

Unidade 2 - O Estrutural-Funcionalismo Britânico e a Antropologia Dinâmica

- 2.1 O Estrutural-Funcionalismo Britânico
- 2.2 A Escola de Manchester e a Antropologia Dinâmica

Unidade 3 - O Estruturalismo Francês

- 3.1 Lévi-Strauss: Trajetórias e Produção Acadêmica
- 3.2 Sobre a Noção de Estrutura
- 3.3 Sobre Parentesco e Totemismo

Unidade 4 – O Interpretativismo na Antropologia Norte-Americana e a Antropologia Pós-Moderna

- 4.1 Sobre o Paradigma Hermenêutico
- 4.2 Geertz e a Proposta da Antropologia Interpretativa

Unidade 5 –Antropologia e Marxismo, Antropologia e História, Globalização

- 5.1 Antropologia e Marxismo
- 5.2 Antropologia e História
- 5.3 Sobre Globalização, Interculturalidade...

Observações Finais

Metodologia:

O curso é realizado contendo um percentual de 20% de aulas presenciais, através das quais a professora apresentará a disciplina e os principais tópicos explorados. As aulas à distância são realizadas utilizando metodologias e dinâmicas características desse formato, tendo os alunos de fazer as leituras e estudos indicados. É fundamental, portanto, visando alcançar os objetivos propostos da disciplina que os alunos participem ativamente através da realização das atividades, tais como as leituras indicadas, materiais a serem produzidos, tais como fichas-citação (fichas elaboradas com citações

diretas de principais trechos dos textos para compreensão de conteúdos, seguidas de comentário crítico) e trabalhos individuais ou em equipe, de acordo com solicitação da professora.

Também faz parte a navegação por sites sugeridos, bem como o acesso a links através dos quais o aluno poderá pesquisar sobre assuntos a serem investigados, bem como para visualizar vídeos pertinentes à matéria dada. Há uma boa indicação de entrevistas e materiais disponibilizados na internet que sugiro acompanhamento e utilização. Importante lembrar que os artigos e livros a serem utilizados no curso estarão disponíveis em formato digital ao acesso dos alunos dentro do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e/ou cópias disponíveis na biblioteca do seu polo. Dentro da metodologia do EAD, é crucial a participação do aluno na Plataforma Moodle através da utilização de ferramentas de comunicação e interação de todos.

Objetivos:

Objetivo Geral:

Nessa disciplina o/a aluno/a deverá desenvolver uma compreensão acerca do desenvolvimento da Antropologia Moderna e Pós-Moderna, para um entendimento dos diferentes paradigmas que expressam diversas tradições da antropologia enquanto formadoras de uma matriz disciplinar. Assim, a Antropologia 3 explora principais orientações teórico-metodológicas da Antropologia a partir de seu desenvolvimento histórico, considerando a forma como tempo e o desenvolvimento de diferentes tradições constituem referências importantes para compreensão de orientações teóricas.

Objetivos Específicos:

- Introduzir reflexões sobre processos de descolonização e a relação desses com a Antropologia que inclui novas relações com o objeto de estudo, bem como metodologias de abordagens e direção de estudos e pesquisas.
- Focalizar o desenvolvimento da Antropologia na Grã-Bretanha, particularmente ênfases na orientação teórica do estrutural-funcionalismo e seus desdobramentos em abordagens mais voltadas para situações históricas e processualistas.
- Focalizar o desenvolvimento da Antropologia Estruturalista na França, particularmente a produção acadêmica de Claude Lévi-Strauss que constitui o grande representante do estruturalismo na Antropologia.
- Focalizar na Antropologia Americana o interpretativismo e a pós-modernidade na Antropologia.
- Focalizar temáticas contemporâneas na Antropologia e o desenvolvimento do marxismo estrutural em Godelier, bem como contextos de globalização e a relação entre Antropologia e História.
- Elaborar um Glossário, com a participação de todos os alunos, a partir da organização, em ordem alfabética, de palavras ou termos aqui utilizados e considerados importantes para definições, visando confecção de um anexo de conteúdo necessário da disciplina Antropologia 3.

Competências e/ou habilidades que o aluno deve desenvolver na disciplina:

PESSOAL	SOCIAL	PROFISSIONAL
Adquirir conhecimentos que lhe habilitem ao entendimento das diferentes orientações teórico-metodológicas dentro do campo da investigação antropológica moderna e pós-moderna.	Viabilizar ao aluno a possibilidade de expandir conhecimento adquirido dentro de ambientes acadêmicos, sendo possível reproduzir compreensão adquirida na disciplina para seus colegas, professores, etc..	Desenvolver no aluno a capacidade de entendimento sobre orientações teórico-metodológicas que são coerentes dentro da investigação no campo da Antropologia, possibilitando assim uma formação acadêmica voltada para o exercício docente.

Unidades Conceituais Anteriores que o Aluno deve Apresentar para Desenvolver uma Aprendizagem Significativa na Disciplina:

- Entendimento e conhecimento da formação do campo da investigação antropológica;
- Entendimento da metodologia da pesquisa antropológica.
- Familiaridade com metodologia de ensino-aprendizagem do Ensino à Distância

Orientações Iniciais aos Alunos:

Sugiro enquanto referência geral dentro dessa disciplina, utilizar o blog www.antropologiaiii.blogspot.com.br, visando proporcionar orientação ampla de produções antropológicas e autores que envolvem campos de conteúdos dentro dessa disciplina de Antropologia III. Numa visão geral, temáticas que podem ser acessadas se referem a primeiramente Leituras Básicas: material de conteúdos e explicações teóricas, epistemológicas, metodológicas, etc. Podem ser localizadas referências importantes sobre o Materialismo Cultural e Neo-Evolucionismo, cujo assunto não faz diretamente parte da ementa dessa disciplina. Dentro de assuntos relacionados às unidades do curso, textos foram organizados seguindo a divisões:

Antropologia Social Britânica;
Antropologia Processualista/Dinâmica;
Estruturalismo Francês;
Marxismo Estrutural;
Etnociência, Antropologia Simbólica e Antropologia Interpretativa,
Antropologia, Globalização, Interculturalidade, Sociedades Complexas Urbano-Industriais

No rodapé desse blog Antropologia III <<http://www.antropologiaiii.blogspot.com.br>> , há uma organização de materiais para consulta, como de textos clássicos referentes a essas escolas antropológicas, materiais que podem ser úteis, tais como:

Textos Clássicos em Teoria Social
Manuais de Antropologia, Dicionários, Enciclopédias, Conceitos em Antropologia.
Escola Sociológica Francesa
Antropologia Cultural Americana.

Sugiro, portanto, considerarem os textos que podem ser acessados nesse blog <<http://antropologiaiii.blogspot.com.br>> como importantes referências de consulta para organização de material didático e aprofundamento de estudos dentro dessa disciplina de Antropologia III. Sobre aqueles que se referem a textos clássicos, são também importantes fontes de autores que deram origem a posteriores orientações teóricas, dentro da própria história da produção do conhecimento antropológico.

É importante esclarecer que a forma como preparei as unidades dessa disciplina, diz respeito a perspectivas teóricas abordadas por autores selecionados por serem considerados representativos. Assim, elaboro uma redação citando trechos diretamente de seus escritos, ou faço uma abordagem guiada por citações de textos de outros antropólogos que se dedicaram em aprofundar estudos sobre a produção antropológica (sendo utilizadas suas referências e análises). Procurei, também, destacar textos de autores brasileiros, como importantes referências a serem consideradas nesses estudos sobre escolas antropológicas. Produzimos no Brasil uma antropologia de excelente nível, uma vez que possuímos centros altamente qualificados de formação antropológica, como é o caso do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro <http://www.museunacional.ufrj.br/ppgas> e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul <http://www.ufrgs.br/ppgas/portal/index.php/pt> .

Considero o texto do antropólogo Júlio César Mellatti (1983) <http://www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-roteiro.pdf> como importante referência para o entendimento da formação da Antropologia brasileira, a partir do qual entendemos nossa influência do funcionalismo britânico (uma vez que contamos a presença de Radcliffe-Brown no Brasil) e do estruturalismo francês (através da vinda de Lévi-Strauss e sua contribuição na institucionalização dessa disciplina no Brasil). Daí, a importância de se inter-relacionar o desenvolvimento da Antropologia nos grandes centros (EUA, França e Inglaterra) com o que acontece aqui em nossa casa, o Brasil, em termos de formação antropológica. Por isso, faremos utilização de referências de autores e produções brasileiras para ilustrar e ampliar nosso aprendizado nesse mergulho que daremos em escolas antropológicas.

Unidade 1 – Metodologia Antropológica. O Processo de Descolonização



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=Linda+Tuhiwai+Smith&tbn=isch&imgil=ZYd0lXhc9qee6M%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn0.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AAND9GcOAwtpKgTzooB7p95btXHiv-X-hwiGg16fsDgRm2X3mn_ikKe-%253B120%253B179%253BLpFYsuob_tZj7M%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.hrc.govt.nz%25252Fabout-us%25252F council&source=iu&usg=__Ot1ZNU2xctFhIvWYRga2fRerKu8%3D&sa=X&ei=q1PIU7WJEOLjsATo-YD4Cw&ved=0CDIO9OEwAw&biw=1360&bih=667#facrc=&imgdii=&imgrc=-meLrqpShmT-M%253A%3BYzrEIhtP2E_oM%3Bhttp%253A%252F%252F3.bp.blogspot.com%252F_madXbeXmN2g%252FtCjvw7hpNMI%252FAAAAAAAAAAis%252Fd8TikEseiJU%252Fs1600%252Fndigenous%252Bknowledges%252B01L.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.firstpeoplesnewdirections.org%252Fblog%252F%253Fp%253D2698%3B1600%3B1200

Nessa primeira unidade, estaremos comprometidos em introduzir metodologias antropológicas desenvolvidas e formadas em diferentes “centros” que o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1988) menciona enquanto “de irradiação da Antropologia” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 17). É a partir daí que podemos focalizar posteriormente, nas unidades subsequentes, cada contexto específico ilustrado por autores que produziram teorias e conhecimento nesse campo disciplinar.

Abordamos, aqui, o momento da história do conhecimento antropológico relacionado ao período pós-guerra, quando os territórios colonizados por países europeus em regiões

africanas e orientais se emanciparam. Assim, destacamos nos subitens questões sobre antirracismo e sobre esse processo da antropologia e descolonização, utilizando textos de autores relevantes na antropologia francesa (LÉVI-STRAUSS, 1971) e britânica (KUPER, 1978). Focalizamos algumas referências bibliográficas que abordam esse momento, bem como faremos uma breve menção à produção antropológica contemporânea que utiliza noção de antropologia descolonizadora.

1.1 Metodologias Antropológicas: Paradigmas e Matriz disciplinar na Antropologia

Cardoso de Oliveira (1988), no seu artigo intitulado Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia, fornece base para podermos entender a formação da matriz disciplinar na Antropologia. É dentro da temática “A Formação da Disciplina” que Cardoso de Oliveira (1988) vai explicar a sua intenção ao se debruçar sobre a Antropologia. Sua fonte de inspiração está em Heidegger, quando esse filósofo alemão questionava em 1955 sobre o SER da Filosofia. Assim, Cardoso de Oliveira (1988) se dedica a esse empreendimento hermenêutico sobre o SER da Antropologia. Ele situa a Antropologia enquanto “produto... de nossa história, da história do saber ocidental e, de uma maneira toda especial, da cultura científica – melhor diria, cientificista - instaurada no Iluminismo e tão fortemente presente em nosso campo intelectual” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p.14). Assim, Cardoso de Oliveira (1988) afirma que podemos “iniciar nosso exame da questão heideggeriana: o que é isto que chamamos de antropologia?” (p. 14). E também acrescenta, “por que então não tomarmos essa ‘cultura’ como objeto privilegiado de nossas indagações? ...uma vez que como membros de uma comunidade intelectual constituímos uma sorte de ‘cultura’” (p. 15). Daí, sua preocupação recai nas “tradições que cultivamos (e muitas vezes cultuamos), inscrita nos paradigmas (quem sabe nos nossos mitos) que confirmam aquilo que se poderia chamar de ‘matriz-disciplinar’ da antropologia” (p. 15).

Eis o quadro que apresenta:

Matriz Disciplinar		
Tradição	Intelectualista	Empirista
Sincrônico	I Paradigma Racionalista "Escola francesa"	II Paradigma Estrutural- Funcionalista "Escola britânica"
Diacrônico	IV Paradigma Hermenêutico "Antrop. Interpretativa"	III Paradigma Culturalista "Escola Norte-americana"

Fonte: Cardoso de Oliveira (1988, p. 16)

Cardoso de Oliveira (1988) então explica sobre os centros irradiadores da antropologia, países onde se localizam comunidades de pensamento da disciplina, tais como França, Inglaterra e EUA que produziram conhecimento e desenvolveram essa disciplina. Dessa forma, esse quadro acima, refere-se às “escolas antropológicas”, tais como a escola Francesa, a Escola Britânica e a Histórico-Cultural e Interpretativa (essas duas últimas localizadas nos EUA) e aponta autores que seriam casos exemplares representativos dessas orientações. Após explicar a formação dessas tradições no pensamento antropológico de acordo com a consideração do tempo (sincronia e diacronia), Cardoso de Oliveira (1988) mais adiante reafirma que “Nas ciências humanas e, particularmente, na antropologia, os paradigmas sobrevivem, vivendo um modo de simultaneidade, onde todos valem à sua maneira... à condição de não se desconhecem uns aos outros... (p. 22-23). Mencionando que no caso do enraizamento na nossa realidade brasileira, a antropologia passa por uma “individuação”... passando por uma “forma de saber” resultante da “nossa leitura ...de uma matriz disciplinar viva e tensa” (p. 23). Então, Cardoso de Oliveira (1988) menciona antropólogos célebres que não se “filiam de maneira nítida a nenhum dos paradigmas, pois vivem eles próprios a enriquecedora tensão” (p. 23). Dentre esses, Cardoso de Oliveira menciona Evans-Pritchard, Leach, Godelier, autores que abordaremos nesse curso de Antropologia 3.

Ainda seguindo essa discussão, Cardoso de Oliveira (1988) chama atenção para a particularidade da “antropologia marxista” enquanto fruto da tensão de duas tradições

empirista e intelectualista, bem como “o ‘materialismo evolutivo’ (concernente ao 3º paradigma) e de um ‘criticismo dialético’ (referente ao 4º)” (p. 23). Exemplificando assim, a tensão e tendências que não se enquadram necessariamente num paradigma específico.



Roberto Cardoso de Oliveira

O texto de Cardoso de Oliveira (1996) **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever** [<http://www.isabelcarvalho.blog.br/wp-content/uploads/2010/08/OLIVEIRA-Roberto-Cardoso-de-O-trabalho-do-antrop%C3%B3logo-olhar-ouvir-escrever-In-O-trabalho-do-antrop%C3%B3logo.pdf>], vem sendo importante referência para orientação e compreensão do trabalho de pesquisa e produção antropológicas.

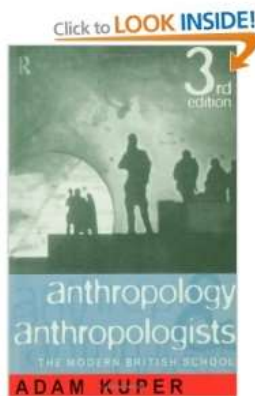
EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM:

- a) Explique a definição de Cardoso de Oliveira (1988) dá às noções “matriz disciplinar” e “paradigma”. Como esses conceitos se diferenciam entre as ciências naturais e ciências sociais? Como Cardoso de Oliveira descreve que acontece na Antropologia? Através de pesquisa na internet, compare esses conceitos com de outros autores.
- b) Faça uma pesquisa na internet sobre as características de cada uma das escolas antropológicas mencionadas por Cardoso de Oliveira no quadro que elabora. Citar as fontes e apresentar de forma esquemática, acrescentando também características às elencadas por Cardoso de Oliveira (1988).

1.2 A Antropologia e o Processo de Descolonização



Adam Kuper (2000) em Entrevista Colônias, Metrôpoles: um Antropólogo e sua Antropologia <http://pt.scribd.com/doc/28209814/Adam-Kuper-Colonias-metropoles-um-antropologo-e-sua-antropologia>



Nesse item, iremos focalizar esse período da Antropologia na Inglaterra seguindo a abordagem do livro **Antropólogos e Antropologia** de autoria de Adam Kuper (1978), para exemplificar como se deu na Inglaterra a relação entre Antropologia e o processo de descolonização, contexto específico colonialista. Trata-se mais de uma ênfase na própria formação e desenvolvimento da antropologia na Inglaterra que tangencialmente se refere ao contexto da antropologia durante processo em que os países colonizados passaram a se emancipar. Kuper (1978) menciona que “Desde os seus primeiros dias, a Antropologia britânica sempre gostou de se apresentar como uma ciência que poderia ser útil na administração colonial” (p.121). Ele aponta que inicialmente “as razões são óbvias”, pois “os governos e interesses coloniais ofereciam as melhores perspectivas de apoio financeiro, sobretudo nas décadas anteriores ao reconhecimento da disciplina pelas universidades” (p.121-122).

Assim, no capítulo quatro intitulado “Antropologia e Colonialismo”, Kuper (1978) vai às origens da problemática da Antropologia enquanto ciência em formação e demonstra a dificuldade do desenvolvimento da Antropologia aplicada dentro da academia britânica, por não haver espaço inicialmente para a valorização dos antropólogos

contratados enquanto técnicos. Kuper (1978) aponta que “ as razões desse fracasso não são difíceis de identificar” (p.136), pois é dentro das academias que a valorização e futuro dos antropólogos se situavam, devendo eles se interessarem mais pelos “estudos teóricos” do que se concentrarem na “pesquisa aplicada” (p.136).

Assim, é possível entender como se deu o desenvolvimento da antropologia funcionalista na Inglaterra e Kuper (1978) aponta que os diplomas em universidades famosas como Oxford, Cambridge e Londres “eram justificados como uma forma de fornecer treinamento para funcionários coloniais” (p.123), mas, por outro lado “...era difícil convencer o governo britânico de que os antropólogos tinham algo de muito específico a oferecer” (p.123). Kuper observa que ao fazer o trabalho aplicado a tendência era de se:

...escolher um único tópico, dentro de uma limitada gama de temas... mas o trabalho aplicado era frequentemente visto pelos membros mais eminentes da profissão como algo que exigia menor esforço intelectual e, portanto, mais adequado para as mulheres (KUPER,1978,p.133).

Daí, Kuper (1978) cita quais questões eram tratadas pelos antropólogos (tipo “a posse da terra, a codificação das leis tradicionais, sobretudo a legislação matrimonial, migração da mão-de-obra, a posição dos régulos [chefe tribal africano], especialmente os sobas [chefes subordinados aos régulos], e orçamentos domésticos” (p. 134). E dá exemplos de autores que relataram suas experiências demonstrando que poucos profissionais “apresentaram aos governos um acervo significativo de material encomendado” (p. 134). Mais adiante, explica que “nunca houve muita demanda de Antropologia Aplicada” (p. 140), daí explica que os próprios funcionalistas “acabaram caindo na aceitação de que a especialidade deles era o estudo do súdito colonial e permitiram que este fosse identificado com o antigo ‘primitivo’ ou ‘selvagem’ dos evolucionistas” (p. 143) . E uma das conclusões que aponta é que.

O antropólogo social britânico é tão frequentemente um objeto de suspeita nos países ex-coloniais porque era ele o especialista no estudo de povos coloniais. Porque , ao identificar o seu estudo na prática como a ciência do homem de cor, ele contribuiu para a desvalorização de sua humanidade (KUPER, 1978, p. 143).

É importante observar o item VI do quarto capítulo, onde Kuper (1978) se refere ao processo de colonização e como os antropólogos atuam nesse contexto.

Mais adiante (item 1.2.2. sobre metodologias descolonizadoras), questões relacionadas às pesquisas na África dentro de uma abordagem voltada para análise política serão focalizadas.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM:

- a) A partir da leitura do capítulo V intitulado Do Carisma à Rotina, fazer um esquema dos autores citados por Kuper (1978), elencando seus vínculos acadêmicos institucionais, suas obras e contribuições teóricas.
- b) Fazer uma pesquisa na internet dentro desse período abordado por Kuper (década de 1930 à 1950) sobre a situação de processo de emancipação de países colonizados pela Inglaterra.
- c) Fazer um quadro da produção antropológica descrita por Kuper (atividade “a”) e a situação das colônias inglesas em termos de conflitos, revoltas, etc. (atividade “b”) para associar antropólogos que desenvolveram pesquisa nesses países e as temáticas que se dedicaram.

1.2.1 Antropologia e Antirracismo

A obra **Raça e História**, de autoria do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1971), ilustra de forma bastante importante o posicionamento da Antropologia contra evolucionismo e etnocentrismo. Nesse aspecto, é uma referência de produção antropológica contra o racismo. É uma obra situada no contexto histórico do pós-guerra na Europa, através da qual Lévi-Strauss afirma a posição sobre a fundamental importância para humanidade da grande variedade de culturas existentes no mundo.

Raça e História (LÉVI-STRAUSS,1971), publicado pela UNESCO em 1952, está dividido em dez capítulos, através dos quais Lévi-Strauss disserta sobre temáticas tais como culturas arcaicas e culturas primitivas, a questão da civilização ocidental, o progresso, a diversidade cultural, etnocentrismo, etc. No capítulo primeiro, intitulado Raça e Cultura, Lévi-Strauss (1971) aponta, por exemplo, que “existem muito mais culturas humanas do que raças humanas” (p. 10), argumentando que esse é um dado que demonstra que não há uma uniformidade no desenvolvimento humano, mas sim um desenvolvimento “de modos extraordinariamente diversificados de sociedades e de civilizações” (p. 10). Lévi-Strauss (1971) aponta que “o pecado original da antropologia, consiste na confusão entre a noção puramente biológica da raça... e as produções sociológicas e psicológicas das culturas humanas” (p. 08-09). Ele afirma que “os contributos culturais da Ásia ou da Europa, da África ou da América” (p.09) relacionam-se com “circunstâncias geográficas, históricas e sociológicas, não com

aptidões distintas ligadas à constituição anatômica ou fisiológica dos negros, dos amarelos ou dos brancos” (p. 09).

Ao superarmos essa concepção racial relacionada ao biológico, Lévi-Strauss (1971) chama atenção que o racismo pode recair num “novo campo”, atribuindo “um significado intelectual ou moral ao facto de ter a pele negra ou branca... para permanecer em silêncio face a uma outra questão” (p. 10), que seria o desenvolvimento da civilização ocidental com imensos progressos tecnológicos. Por isso, ele argumenta que não podemos resolver “o problema da desigualdade das raças humanas, se não nos debruçarmos também sobre o da desigualdade – ou diversidade – das culturas humanas” (p. 11). Lévi-Strauss (1971) explica que essa diversidade acontece com as culturas não diferindo entre si da mesma maneira, mas também elas situam-se em planos diferentes: “sociedades justapostas no espaço, umas ao lado das outras, umas próximas, outras mais afastadas, mas afinal, contemporâneas” (p. 13). Assim, ele chama atenção para a constatação que a diversidade de culturas se dá no presente e questiona enquanto problema “Que devemos entender por culturas diferentes?” Então, Lévi-Strauss (1971) passa a elencar vários dados relacionados a essa questão da diversidade, tais como que as culturas se relacionam entre si, e que há uma diversidade dentro delas também, por isso não é uma noção que deva ser concebida como “estática” (p. 17) e também atribuída ao isolamento, pois “ela é menos função do isolamento dos grupos que das relações que os unem” (p. 18).

Sobre etnocentrismo, Lévi-Strauss (1971) explica como uma atitude antiga quase que espontânea ao nos depararmos com situações inesperadas em que “consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos” (p. 19-20). Ele chama atenção que na realidade, “o bárbaro é em primeiro lugar o homem que crê na barbárie” (LÉVI-STRAUSS, 1971, p.23) e assim, ao recusarmos a humanidade “àqueles que surgem como os mais <selvagens> ou <bárbaros> dos seus representantes, mais não fazemos que copiar-lhes as suas atitudes típicas” (p. 22-23). Por outro lado, Lévi-Strauss (1971) demonstra, abordando questões relacionadas ao evolucionismo (distintos enquanto biológico ou social), que a própria “proclamação da igualdade natural entre todos os homens e da fraternidade que os deve unir, sem distinção de raças ou de culturas, tem qualquer coisa de enganador para o espírito, porque negligencia uma diversidade de facto” (p. 23).

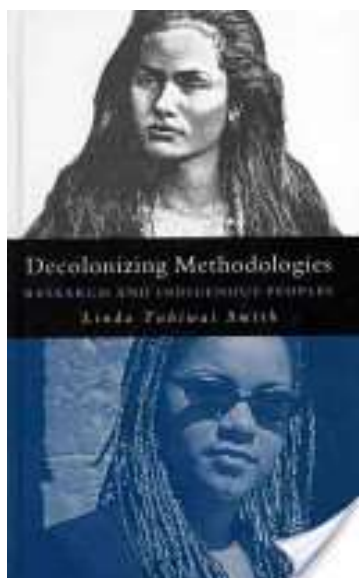
Lévi-Strauss (1971) também aponta que “ao contrário da diversidade entre as raças, que apresentam como principal interesse a sua origem histórica e a sua distribuição no espaço [e eu destaco que ele se refere aqui ao que é investigado pela Antropologia Física] a diversidade entre as culturas põe uma vantagem ou um inconveniente para a humanidade, questão de conjunto que se subdivide bem entendido em muitas outras” (p. 24).

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM:

- a) Descreva quais principais questões que Lévi-Strauss (1971) levanta nos capítulos Culturas Arcaicas e Culturas Primitivas (capítulo 4), Acaso e Civilização (capítulo 8),
- b) Faça um esquema sobre principais pontos que Lévi-Strauss (1971) levanta sobre a noção de “progresso” nos capítulos intitulados A Idéia de Progresso (capítulo 5) e O Duplo Sentido do Progresso (capítulo 10).

1.2.2 Metodologias Descolonizadoras

Destaco duas referências publicadas em língua inglesa que ilustram tendência contemporânea na produção do conhecimento antropológico. Esses livros exemplificam característica sobre preocupação dentro da Antropologia contemporânea com emancipação política dos povos que até então vinham sendo pesquisados por antropólogos não nativos. O livro **Decolonizing Anthropology Moving further toward an Anthropology for Liberation** http://www.pasadena.edu/files/syllabi/stvillanueva_38066.pdf, organizado por Faye Harrison (1997), reúne vários antropólogos que discutem questões de raça, desigualdade de classe e gênero no contexto das décadas de 1980 e 1990 e propõe a Antropologia enquanto agência de transformação social.



Uma outra referência, essa de autoria de Linda Tuhiwai Smith (1999), intitulado **Decolonizing Methodologies. Research and Indigenous Peoples**, traz discussões bastante relevantes sobre imperialismo, história, a problemática da pesquisa sob a visão imperialista, enfim sobre conhecimento produzido dentro da Antropologia que reafirma a superioridade do conhecimento Ocidental. Smith (1999) aponta para o desenvolvimento e formação de antropólogos nativos e enumera projetos em diferentes grupos dentro de temáticas articuladas pelos próprios nativos, a partir da necessidade deles. Smith (1999,p.01) explica que “A palavra em si, ‘pesquisa’, é provavelmente uma das palavras mais sujas no vocabulário do mundo indígena”. Assim, chamo atenção para essa tendência em termos de metodologias construídas a partir dessa proposta de uma antropologia desenvolvida pelos próprios antropólogos nativos e que critica a relação de poder que sempre esteve presente nos contextos coloniais em que povos pesquisados estão inseridos.

Destaco em termos de metodologia brasileira a proposta da pesquisa-ação desenvolvida por Paulo Freire (1987 http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_do_oprimido.pdf), como uma forma de realização de pesquisa em que pode ser construído um conhecimento objetivando uma “mudança política, conscientização e outorga de poder” (TRIPP, 2005, 445 <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>), mas que na antropologia brasileira não vem sendo utilizada.



Jean Copans

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=Jean+Copans&tbn=isch&imgil=pHfyM067lnKPjM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn2.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AANd9GcQiUd1bq4uSdj_0g67EP9s8EJPivrD6vGi5AFfPbQNOyzJWeGB8%253B189%253B179%253BxXsQMwwETeeVqM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.souillacenjazz.fr%25252FFR%25252F382_jean_copans.html&source=iu&usg=__ONhsa-C102C9PwtbjEFBbx1s1cc%3D&sa=X&ei=iM-3U-jGNI6_sOTH_IGODQ&ved=0CCkQ9QEwAg&biw=1360&bih=667#facrc=__&imgdii=__&imgrc=wF6RFHXtW-p-TM%253A%3BraHvdE0usZS_bM%3Bhttp%253A%252F%252Fclassiques.uqac.ca%252Fcontemporains%252Fcopans_jean%252Fcopans_jean_photo%252Fjean_copans.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fclassiques.uqac.ca%252Fcontemporains%252Fcopans_jean_photo%252Fcopans_jean_photo.html%3B553%3B359

No quarto capítulo do livro **Críticas e Políticas da Antropologia**, Copans (1981), analisando os estudos africanos, organiza um quadro sobre a periodização desses estudos. Numa classificação cronológica, elencando a forma de relação estabelecida pelos colonizadores, Copans (1981) descreve a característica ideológico-teórica desses estudos e a disciplina predominante em cada um desses períodos (p.90).

PERIODIZAÇÃO DOS ESTUDOS AFRICANOS			
<i>Cronologia</i>	<i>Forma de relação</i>	<i>Configuração ideológico-teórica</i>	<i>Disciplina dominante</i>
1. Antes de 1860	Descoberta da África	<i>Exotismo</i> da viagem e da aventura, a origem da sociedade humana.	Literatura, filosofia, narrativas de viagens.
2. 1860/1920	Conquista colonial	Justificada pela teoria <i>evolucionista</i> ; possibilidade da etnologia.	Etnografia, etnologia.
3. 1920/1945	Valorização	Justifica-se por si mesma. A etnologia descreve a realidade valorizada sem pôr em causa o principal: <i>funcionalismo</i> que se ilude e que ilude.	Etnologia, antropologia aplicada
4. 1945/1960	Descolonização	Aparecimento das massas africanas na história e na ciência. Questionamento da relação colonial e das descrições anteriores. Passagem da antropologia à sociologia e supressão do exotismo científico.	Sociologia, sociologia do subdesenvolvimento.
5. 1960/1970 e depois (?)	Neocolonialismo	Descoberta das ilusões de independência. Crítica radical da relação enquanto mecanismo econômico (imperialismo). Retorno ao marxismo (permitido pela destalinização) que reinveste todo o domínio teórico dos estudos africanos e leva à unificação da antropologia, da sociologia e da economia política (<i>conceito de modo de produção</i>).	Antropologia, sociologia, economia política.

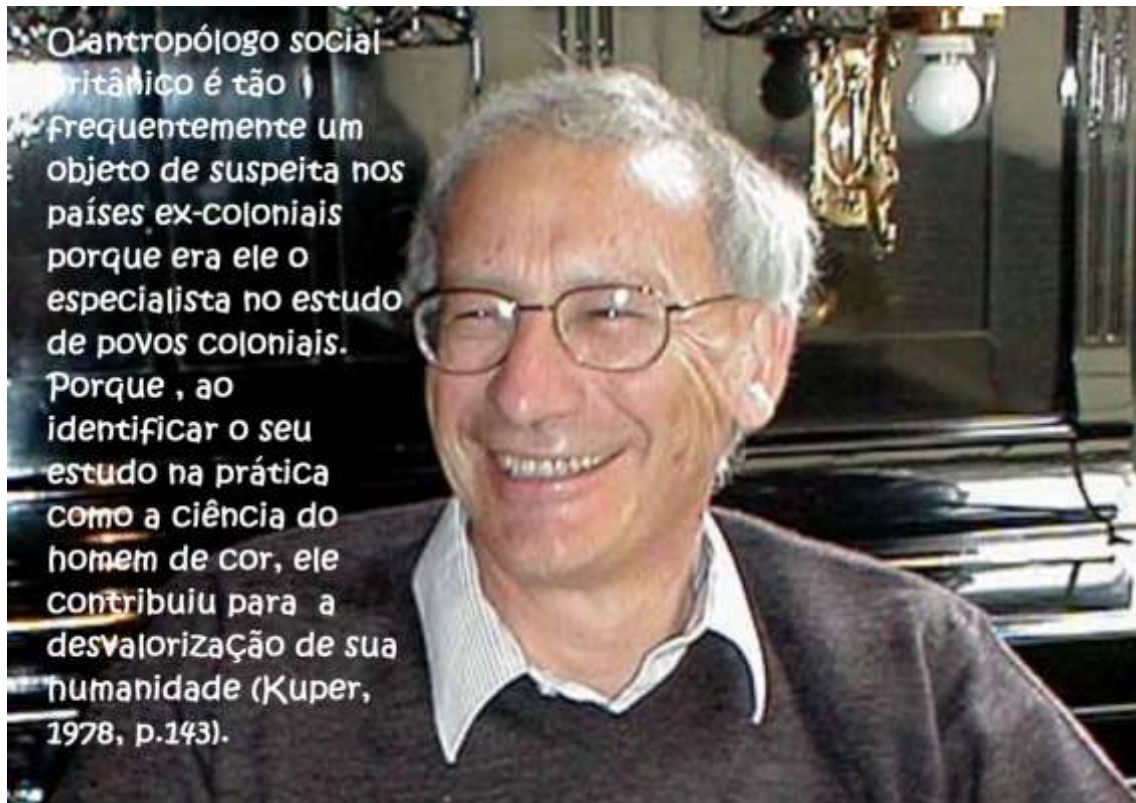
Fonte: Copans (1981,p.90)

Assim, Copans (1981) propõe através de uma sociologia do conhecimento uma abordagem dialética da história das ciências, e no caso dos estudos africanos ele identifica pressupostos epistemológicos, de acordo com períodos históricos, concluindo que essa reflexão é fundamental para compreensão dos condicionantes das “determinações ideológicas e institucionais” (p.107). Nesse aspecto, esse texto de Copans (1981) serve, como ele mesmo reconhece, para refletir sobre o olhar e produções textuais acerca de um contexto de colonização europeia, enquanto análise crítica de pressupostos relacionados a condicionamentos ideológicos.

GLOSSÁRIO:

Inclusão de palavras e termos selecionados e organizados em ordem alfabética de acordo com definições referentes a essa Unidade 1.

Unidade 2 - O Estrutural-Funcionalismo Britânico e a Antropologia Dinâmica



Relembrando conteúdos estudados na disciplina Antropologia 2, é importante mencionar que o funcionalismo britânico teve como orientação teórica a concepção de que a sociedade está em equilíbrio e é composta de diferentes partes organicamente inter-relacionadas, como se refere Radcliffe-Brown (1981) quando menciona interdependências funcionais que existem nos contextos culturais. Kuper (1978) descreve assim: “A abordagem funcionalista foi um experimento de análise sincrônica que fez sentido nos termos da história intelectual da disciplina e se justificou na medida em que produziu melhores etnografias do que a qualquer abordagem anterior” (p. 142). Nesse sentido, Kuper (1978; 2005) é bastante coerente, pois ele explica que a Antropologia Social Britânica, e particularmente o funcionalismo, é marcado pela realização de estudos baseados na pesquisa de campo (linha malinowskiana), ora centrada na análise teórica estrutural (Radcliffe-Brown).

Importante a leitura de Kuper, A. (2005) Histórias Alternativas da Antropologia Social Britânica http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_09/N2/Vol_ix_N2_AKuper.pdf .

Nesse artigo, como na publicação anterior (1978), Kuper (2005) questiona sobre a convencional percepção de que a história da antropologia social britânica foi desenvolvida a partir do funcionalismo e realização de trabalho de campo, mas sim, analisa e chama atenção para questões de políticas públicas e redes de relações pessoais e contextos institucionais antes e pós-segunda guerra mundial.

Ao descrever o contexto da antropologia funcionalista britânica pós-guerra, Kuper (1978) aponta como foi objeto de crítica o fato do funcionalismo, por exemplo, não considerar “a realidade colonial total numa perspectiva histórica” (p. 142). Ele lembra que se trata de um paradigma que considera o tempo dentro de uma abordagem sincrônica, e não diacrônica.

Mas, é no quinto capítulo onde Kuper (1978) analisa a Antropologia pós-guerra na Inglaterra e cita autores que trabalharam como administradores, como é o exemplo de Evans-Pritchard, ou em missões especiais no contexto de guerra, como Edmund Leach. Kuper (1978) menciona que esse período foi de ampla expansão na Antropologia Social Britânica e que investimentos financeiros foram significativos para formação de novos departamentos e instituições de pesquisa (p. 147). Assim, Kuper (1978) descreve o desenvolvimento de diferentes centros formadores da Antropologia na Inglaterra e associa os antropólogos às diferentes correntes. Kuper (1978) menciona que na década de 1950, antropólogos, como Evans-Pritchard e Raymond Firth, desenvolveram uma “ciência normal” (KUPER, 1978, p. 156). Daí, menciona como Evans-Pritchard, que seguia a orientação de Radcliffe-Brown até a guerra, se opôs a ele quando assume posição em Oxford em 1946 (KUPER, 1978, p. 157). Uma ilustração disso que se refere Kuper (1978), é quando em Conferência proferida em 1950, Evans-Pritchard afirma:

A tese que lhes apresento, a de que a antropologia social é uma espécie de historiografia e, portanto, em última instância, de filosofia ou arte, subentende que ela estuda as sociedades como sistemas morais e não como sistemas naturais; que está mais interessada no plano do processo; e que, portanto, busca padrões e não leis científicas, e interpreta mais do que explica. São diferenças conceituais e não meramente verbais (EVANS-PRITCHARD, 1962, p. 26 *apud* KUPER, 1978, p. 157-158).



Evans-Pritchard

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=evans-pritchard&tbn=isch&imgil=T8-xwFooBOWhwM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn1.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AANd9GcRnMdnZKWm17lOqciGz-8W4BGt8oUNI2_HQCCMgQIYs8OSBrQ4jhw%253B480%253B360%253BSxxqcHRM7n-6XM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fmanueldelgadoruiz.blogspot.com%25252F2011%25252F05%25252F antropologia-religiosa-classe-del-4-5.html&source=iu&usq=__NXbcU1ZJx3BlmfjuiEebTEadzng%3D&sa=X&ei=9_62U6nnG9CGqgbvs4DoBA&sqi=2&ved=0CKcBEP4dMA4&biw=1360&bih=667#facrc=&imgdii=&imgcr=T8-xwFooBOWhwM%253A%253BSxxqcHRM7n-6XM%253Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-41QNEkfABrQ%252FTdAqhOdTdbI%252FAAAAAAAAAABOo%252FID-cXF94YzM%252Fs640%252Fhqdefault.jpg%253Bhttp%253A%252F%252Fmanueldelgadoruiz.blogspot.com%252F2011%252F05%252F antropologia-religiosa-classe-del-4-5.html%253B480%253B360

A partir de Evans-Pritchard, autores se destacaram por conta de suas orientações teóricas no desenvolvimento do Estrutural-funcionalismo britânico e outras tendências inovadoras. É importante mencionar que Evans-Pritchard associa a antropologia social com a história social. Kuper (1978) observa que apesar desse posicionamento não ser refletido no seu trabalho, pois é na década posterior a de 1950 que estudos, tais como os voltados para história oral, irão contribuir para “a grande revolução no estudo histórico das sociedades africanas”, como quando Vansina demonstra que “tradição oral podia ser usada como fonte” (KUPER, 1978, p. 159). Assim, a consideração da história é um dado importante para abordagens mais dinâmicas de processos que as populações pesquisadas estavam inseridas.

Strange Beliefs: Sir Edward Evans-Pritchard http://youtu.be/8q9HyONL_10

2.1 O Estrutural-Funcionalismo Britânico e Produções Acadêmicas

Os **Nuer**, livro de autoria de Evans-Pritchard (2007) <http://sociofespsp.files.wordpress.com/2013/08/evans-pritchard-tempo-e-espac3a7o-in-os-nuer.pdf> e **Sistemas Políticos Africanos**, organizado por Fortes e Evans-Pritchard (1981), são considerados por Kuper (1978) como as principais obras na década de 1940 na Antropologia Social Britânica. Mas ele aponta que nas décadas seguintes, reações a essa “ortodoxia” foram desenvolvidas: apesar do trabalho de campo continuar no estilo

malinowskiano, funcionalista, “a análise e teoria eram preponderantemente estruturalistas” (KUPER, 1978, p.156). Kuper chama atenção que Evans-Pritchard assume uma “posição idealista, com implicações historicistas” (KUPER, 1978, p. 156), mas nas décadas de 1950 e 1960, o estruturalismo de Lévi-Strauss foi “acolhido” pela Antropologia Social Britânica (p. 156). É no sétimo capítulo desse seu livro que a influência do estruturalismo na Inglaterra é focalizada por Kuper (1978).

Evans-Pritchard: El ‘tiempo’ en la Sociedad Nuer <http://youtu.be/5XvAiLVt3PE>

Kuper (1978) explica que Evans-Pritchard fazia parte de uma corrente principal na década de 1950 que a nomina de “ciência normal”, e esses antropólogos são chamados de “dissidentes” (p. 156), fazendo parte desses também Leach e Gluckman, que abordaremos mais adiante.

Assim, utilizamos o livro **Sistemas Políticos Africanos** (FORTES; EVANS-PRITCHARD, 1981), nessa parte da disciplina, com o objetivo de identificar as características do estrutural-funcionalismo nesses autores. O prefácio desse livro foi escrito por Radcliffe-Brown (1981), onde ele justifica a importância de se estudar de forma comparativa as instituições políticas em sociedades mais simples. Ele enfatiza que “a antropologia social tem que elaborar por si as teorias e os conceitos que se apliquem universalmente a todas as sociedades humanas, e guiado por estas, realizar o seu trabalho de observação e comparação” (RADCLIFFE-BROWN, 1981, p. 07). E assim, Radcliffe-Brown explica diferentes aspectos encontrados na África relacionados a questões que envolvem a política, como é o exemplo de ritual e religião, feitiçaria, etc. Ele explica que “a estrutura política” vincula-se a “estrutura social... [que] inclui uma certa diferenciação do papel social entre pessoas e entre classes de pessoas. O papel de um indivíduo e a parte que ele representa na vida social total – econômica, política, religiosa, etc.” (RADCLIFFE-BROWN, 1981, p. 20). Radcliffe-Brown (1981) destaca que no caso das sociedades simples, essa diferenciação entre indivíduos muitas vezes se dá a partir do sexo e idade, “...e do reconhecimento não institucionalizado da chefia no ritual, na caça ou pesca, guerra, etc.” (p. 20). Radcliffe-Brown (1981) afirma que:

...num estudo comparativo de sistemas políticos ocupamo-nos de certos aspectos especiais de uma estrutura social total, querendo significar por esses termos o agrupamento de indivíduos em grupos territoriais, ou de linhagem e também a diferenciação de indivíduos pelo seu papel social, quer na base do sexo e idade, quer por distinções de classes sociais (RADCLIFFE-BROWN, 1981, p. 22).

Essas observações de Radcliffe-Brown (1981) revelam características do estrutural-funcionalismo britânico ao relacionar estruturas sociais às atividades sociais. Também encontramos aqui uma íntima influência durkheimiana da perspectiva que a sociedade é um todo orgânico em termos sistêmico.

Fortes e Evans-Pritchard (**Sistemas Políticos Africanos**)
http://sgpwe.izt.uam.mx/files/users/uami/lauv/Fortes_y_Evans-Pritchard_Sist._Pol._Afr.pdf

Na Introdução de **Sistemas Políticos Africanos**, Fortes e Evans-Pritchard (1981) explicam que nesse livro são descritas duas categorias de sistemas políticos, tais o que eles se referem como: tipo A, “as sociedades que possuem autoridade centralizada, aparelho administrativo e instituições judiciais... um governo - e nas quais as distinções de riqueza, privilégio e status correspondem a distribuição de poder e autoridade” (p. 31-32). Como tipo B, esses autores se referem àquelas sociedades que não possuem um governo, uma autoridade centralizada, “e nas quais não existem divisões agudas de categoria, status ou riqueza” (p. 32). Assim, Fortes e Evans-Pritchard apontam quais descrições são feitas pelos antropólogos de acordo com assuntos que abordam nesses diferentes tipos de sociedades. Por exemplo, destacam (a) como o parentesco contribui, através do sistema de linhagem (“sistema segmentário de grupos de descendência unilinear e permanentes) ou sistema de parentesco (“família bilateral e transitória”) (p. 33); (b) como a demografia é diferente de acordo com os tipos de centralização de autoridade política, (c) como o modo de vida relacionado ao meio ambiente “determinam os valores dominantes dos povos e influenciam fortemente suas organizações sociais, incluindo os seus sistemas políticos” (p. 36-37), (d) como determinado tipo pode se relacionar com acomodação de grupos culturais diversos, em termos de heterogeneidade cultural dentro de administrações centralizadas; (e) como no tipo A, “a unidade administrativa é uma unidade territorial” (p. 40), no tipo B, “as unidades territoriais são comunidades locais cuja extensão corresponde à fronteira de uma particular teia de laços de linhagem e de elos de cooperação direta” (p. 41). Fortes e Evans-Pritchard (1981) continuam abordando outras questões teóricas, tais como relacionadas ao equilíbrio dentro do sistema político, sobre a existência da força organizada (p. 40-47), sobre as reações diferenciadas dentro da relação com administradores europeus (p. 48-49); questões relacionadas aos valores místicos e função política (p. 50-60) e finalmente questões sobre a própria delimitação de “grupos

ou unidades políticas” (p. 60) que fazem parte de “sistema social mais vasto” (p. 40). Sobre esse último aspecto, eles entram numa discussão que concluem que há uma “maior solidariedade, baseada nestes laços, que geralmente dá aos grupos políticos o seu domínio sobre grupos sociais de outras espécies” (FORTES; EVANS-PRITCHARD, 1981, p. 62).

Ler o texto de autoria de Frederico Delgado de Rosa (2011) O fantasma de Evans-Pritchard: Diálogos da Antropologia com sua História <http://etnografica.revues.org/965>

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM:

- a) Escolha um dos textos do livro *Sistemas Políticos Africanos* (FORTES; EVANS-PRITCHARD, 1981) dos autores tais como Gluckman, Richards, Nadel, Fortes ou Evans-Pritchard para organizar de forma esquemática quais principais assuntos teóricos abordados na descrição, fazendo uma associação com (a) as características do estrutural-funcionalismo (contido no Prefácio desse livro, de autoria de Radcliffe-Brown), e com (b) aspectos destacados por Fortes e Evans-Pritchard (1981) na Introdução.
- b) Fazer uma pesquisa na internet sobre as obras produzidas pelos antropólogos Evans-Pritchard, Gluckman e Fortes, quais as etnografias e publicações que realizaram e quais aspectos podem ser reunidos sobre suas produções? Utilizar textos de Kuper (1978), destacando o que ele menciona desses autores e atividades realizadas no item 1.2 dessa disciplina para subsidiar essa sua pesquisa.

2.2 A Escola de Manchester e a Antropologia Dinâmica

No início do capítulo cinco, Kuper (1978) explica como Gluckman e Leach se diferem enquanto seguidores de diferentes orientações teóricas. Mas Kuper (1978) afirma que apesar de Leach receber influência direta de Lévi-Strauss (estruturalista), o que não aconteceu com Gluckman, “[a]mbos foram atraídos para os problemas do conflito de normas e manipulação de regras, e ambos usaram uma perspectiva histórica e o método de caso ampliado para investigar esses problemas” (KUPER, 1978, p. 170). Ele aponta que alunos de Leach como Barth, Barnes, Bailey, desenvolveram trabalhos que “demonstraram... a convergência essencial” (p. 171) desses autores. Kuper (1978) explica que uma frase pode definí-los:

O dinamismo central dos sistemas sociais é fornecido pela atividade política, por homens que competem entre eles para aumentar seus recursos encarecer seu status,

dentro do quadro de referência criado por regras frequentemente conflitantes ou ambíguas (KUPER, 1978, p. 171).



Max Gluckman

Fonte:http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.shikanda.net/ethnicity/illustrations_manch/max_gluckman_nog_beta_r.jpg&imgrefurl=http://www.shikanda.net/ethnicity/illustrations_manch/manchest.htm&h=251&w=201&tbnid=4bmgcqSdlxdzQM:&zoom=1&tbnh=160&tbnw=128&usq=__lu0_58-zO3F0u9GH0DWGKnTsseQ=&docid=v20D5FYjRO6vRM&itg=1&sa=X&ei=FAS3U_quO4KeqAaIx4CABw&sqi=2&ved=0CI8BEPwdMAo

Após fornecer dados biográficos sobre Gluckman, Kuper (1978) descreve sua produção contextualizando-a no ambiente de desenvolvimento da Antropologia Social Britânica. Abordando questões sobre a noção de equilíbrio, que Gluckman associa aos conflitos, e conclui que sua preocupação era com “o contexto total da sociedade plural” (KUPER, 1978, p. 176), como é o caso da inclusão de brancos e indianos considerando-os na “estrutura social total da região” (KUPER, 1978, p. 176). O estudo da “situação social”, tal como Gluckman desenvolve em sua abordagem **A Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna**, que é um exemplo disso, é apontado por Kuper (1978) contendo o “uso de dados históricos para identificar estágios de comparativa estabilidade e equilíbrio que possam ser analisados e comparados com a situação contemporânea” (KUPER, 1978, p. 177) . A técnica de “estudos de casos ampliados”, é apontada por Kuper (1978) como sendo adequada para abordagem “dos processos de conflito e resolução de conflito” (p. 177).

Assistir a aula: La escuela de Manchester – Antropologia social

<http://youtu.be/gqK7rgXIDqI>

Num texto intitulado **A Análise Situacional e o Método de Estudo de Caso Detalhado**, Van Velsen (1987) explica que prefere se referir à noção de “análise situacional”, em vez de utilizar o que Gluckman chamou de “método de estudo de caso detalhado” (VAN VELSEN, 1987, p. 345), que implica num modo do etnógrafo coletar “um tipo especial de informações detalhadas” (p. 345), mas também na forma como essa informação é utilizada na análise, que principalmente inclui “a tentativa de

incorporar o conflito como sendo ‘normal’ em lugar de parte ‘anormal’ do processo social” (p. 345).

Van Velsen e a Análise Situacional PowerPoint presentation <http://pt.scribd.com/doc/20443565/Van-Velsen-A-analise-situacional>

Destaco, então, quatro autores citados por Kuper (1978) que ilustram essa perspectiva dinâmica na Antropologia Social Britânica: Van Velsen (1987), Fredrik Barth (2000), Edmund Leach (1981;1954) e Max Gluckman (1986). O texto de Van Velsen (1987) serve como referência metodológica para uma compreensão de orientação teórica dessa leva de antropólogos que passam a focalizar mudança dentro de perspectiva histórica processualista, ainda não consideradas na Antropologia Social Britânica funcionalista.

Interview with Friedrich Barth – 2005 http://youtu.be/_1F680hNc3o

Já Barth (2000), fornece uma orientação teórica no campo de estudos da etnicidade que contribui para toda uma nova forma de se pesquisar identidade étnica dentro de uma perspectiva dinâmica, fora dos condicionamentos de abordagens fixadas ainda em questões raciais e aparência cultural desses povos.



Fredrik Barth

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=Fredrik+Barth&tbn=isch&imgil=4PTZ3Fk2vyXeOM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn1.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AANd9GcQzturVwiUsYFtTYvy_VUodtyNSQFa5Ckjt88RewGmosIyoLfp03Q%253B3736%253B2848%253BI2Ldz7cBQsgKZM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fen.wikipedia.org%25252Fwiki%25252FFredrik_Barth&source=iu&usg=__ULFHtBSC-QUmYwQMxLtiGQb-qF8%3D&sa=X&ei=Xga3U6r4JtSnsQSQ9IH4BA&ved=0CCAQ9QEwAQ&biw=1360&bih=667#facrc=&imgdii=&imgrc=4PTZ3Fk2vyXeOM%253A%3BI2Ldz7cBQsgKZM%3Bhttp%253A%252F%252Fupload.wikimedia.org%252Fwikipedia%252Fcommons%252F%252Fen%252F%252FFredrik_Barth.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fen.wikipedia.org%252Fwiki%252FFredrik_Barth%3B3736%3B2848

Assistir as seguintes aulas sobre teoria da etnicidade desenvolvida por Barth:

Friedrick Barth: Los grupos étnicos y sus fronteras (I) <http://youtu.be/d7FPnsg9cgI>

Friedrick Barth: Los grupos étnicos y sus fronteras (II) <http://youtu.be/9GXE2FE60yw>

Considero importante mencionar o antropólogo João Pacheco de Oliveira Filho (1988) que na sua tese de doutorado, publicada no livro intitulado “**O Nosso Governo**”, os **Ticuna e o Regime Tutelar** < <http://laced.etc.br/site/acervo/livros/o-nosso-governo-os-ticunas/>> , faz uma revisão das mais variadas teorias do contato cultural, focalizando e teorizando nessa sua investigação, questões de mudança social dentro de processo histórico de dominação, utilizando a noção de situação histórica.

An interview of the anthropologist Sir Edmund Leach <http://youtu.be/3hnj0wiFPqk>



Edmund Leach, auto-retrato

<https://www.google.com.br/search?q=Edmund+Leach&tbm=isch&imgil=IjKLuKamZ_1p0M%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn3.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AAND9GcRLetnigkAogmODCCMaW3zIAE92wHG4JI9mXhVpOTXe6qIu6FsD%253B700%253B506%253Bf69DOzNdUJFeWM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.kings.cam.ac.uk%25252Farchive-centre%25252Farchive-month%25252Ffebruary-2013.html&source=iu&usg=__8EHpbb58KnTwHJwHxV3lzcL48YM%3D&sa=X&ei=_J29U-G_F6iysQSg_oCACw&ved=0CCYQ9QEwBA&biw=1360&bih=667#facrc=_&imgdii=_&imgrc=IjKLuKamZ_1p0M%253A%3Bf69DOzNdUJFeWM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.kings.cam.ac.uk%252Fsites%252Fdefault%252Ffiles%252Farchives%252Fferl-4-01-004-big.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.kings.cam.ac.uk%252Farchive-centre%252Farchive-month%252Ffebruary-2013.html%3B700%3B506>

Kuper (1978) descreve Leach como tendo uma formação “convencional” e, após mencionar sua trajetória acadêmica, observa que ele tendo inicialmente abordado mudança que se deu entre os Curdos (no seu estudo **Social and Economic Organization of the Rowanduz Kurds**, publicada em 1981) quando observa que a partir da intervenção europeia, havia uma tendência à “destruição e desintegração das formas existentes de organização tribal” (LEACH, 1981, p.09 [apud KUPER, 1978, p. 184]). Kuper (1978) destaca então que essa era uma questão “que apresentava problema para o funcionalista, cuja premissa básica era o equilíbrio e a boa integração do sistema que ele estivesse estudando” (p. 184). E, diferentemente de Gluckman (que segundo Kuper, apesar de reconhecer o dinamismo dos sistemas culturais, considerava “períodos de equilíbrio” [KUPER, 1978, p. 184]), Leach chega a reconhecer que “o mecanismo de mudança cultural deve ser encontrado na reação dos indivíduos a seus interesses econômicos e políticos diferenciais” (LEACH, 1981, p. 12 [apud KUPER, 1978, p.

184]). Daí, Kuper (1978) citando Leach, aponta para sua conclusão, em termos metodológicos, da consequência dessa constatação quando Leach (1981) reconhece que:

...a descrição realmente inteligível, parece essencial um certo grau de idealização. Fundamentalmente, portanto, procurarei descrever a sociedade Curda como se fosse um todo em funcionamento e assinalar depois as circunstâncias existentes como variações dessa norma idealizada (LEACH, 1981, p. 09 [apud KUPER, 1978, p.184]).

Dessa forma, Kuper (1978) aponta para dois níveis que a análise se concentra: na idealização de uma sociedade em equilíbrio e a “realidade histórica” que o antropólogo deve “observar a interação dos interesses pessoais, os quais só temporariamente podem formar um equilíbrio e devem, no devido tempo, alterar o sistema” (p. 184). Kuper (1978), através desses apontamentos, chama atenção para a análise malinowskiana que Leach segue com a ênfase no indivíduo (p. 185). E é através de sua tese de doutorado **Political Systems of Highland Burma** que Leach (1954) se destaca e articula essas questões de forma “muito mais madura e elaborada”, segundo Kuper (1978, p. 185) ao ponto de, por exemplo, utilizando o estudo de caso ampliado, chegar a conclusão de que “sempre que as regras de parentesco eram fortemente inclinadas num sentido ou outro, e reinterpretadas de modo a permitir que os aldeões fizessem escolhas econômicas adaptativas [sobre propriedade de terras]” (KUPER, 1978, p. 191).

Esses aspectos relatados por Kuper (1978), sobre esses dois antropólogos britânicos demonstram características das abordagens realizadas dentro da Antropologia Dinâmica ou Processualista desenvolvida dentro do paradigma estrutural-funcionalista.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- a) Faça uma abordagem comparativa entre os textos de Gluckman (1981; 1987) tentando apontar para as diferentes fases de sua formação acadêmica e diferentes influências teóricas. Destaque o que autores citam sobre esses textos, incluindo Kuper (1978) e dados localizados na internet.
- b) Investigar a obra **A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**, de autoria de Florestan Fernandes, destacando as características do estrutural-funcionalismo britânico.

GLOSSÁRIO:

Inclusão de palavras e termos selecionados e explicados referentes à Unidade 2.

Unidade 3 - O Estruturalismo Francês



Nessa unidade iremos centrar estudos na forma como o estruturalismo enquanto paradigma foi desenvolvido e utilizado por Claude Lévi-Strauss, que é o seu mais famoso expositor na Antropologia. Assim, autores foram selecionados para ilustrar e fazer com que possamos ter uma compreensão dessa produção do conhecimento antropológico proveniente da França.

3.1 Lévi-Strauss: Trajetórias e Produção Acadêmica



Lévi-Strauss

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=L%C3%A9vi-Strauss&tbn=isch&imgil=NdM78b8FhR01OM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn3.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AAND9GcSm9YzBcx2YVW1wW6M5ThNN9dNR1W25pyhniVgowmz4gTORRj2pOA%253B1996%253B1122%253BRFAKCUpaNVkwWM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.substantivoplural.com.br%25252Fo-antropologo-claude-levi-strauss-detestou-a-baia-de-guanabara%252525E2%25252580%25252525A6%25252F&source=iu&usq=_1DtIr5kQUC-Ir7W1aY_bmtWhDw%3D&sa=X&ei=GQe3U6S-CZOosQS9uIG4Bg&ved=0CJ0BEP4dMA8&biw=1360&bih=624#facrc=_&imgdii=_&imgrc=NdM78b8FhR01OM%253A%3BRFAKCUpaNVkwWM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.substantivoplural.com.br%252Fwp-content%252Fuploads%252F2012%252F02%252Fclaudelev_f01cor_2009111041.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.substantivoplural.com.br%252Fo-antropologo-claude-levi-strauss-detestou-a-baia-de-guanabara%2525E2%252580%2525A6%252F%3B1996%3B1122

Segundo Leach (1970, p. 10), “[a] característica mais destacada” dos escritos de Lévi-Strauss “é que são difíceis de entender, as suas teorias sociológicas combinam uma desconcertante complexidade com uma esmagadora erudição” (p. 10). Leach (1970) afirma que “...a importância acadêmica [de Lévi-Strauss] é indiscutível... [sendo ele] admirado não tanto pela novidade de suas ideias como pela audaciosa originalidade com que procura aplica-las” (p. 10). Leach (1970) chama atenção que os escritos de Lévi-Strauss podem ser visualizados como três estrelas apontadas para (1) teoria de parentesco, (2) lógica do mito e (3) teoria de classificação primitiva, e que sua menor contribuição teria sido nos estudos de parentesco. Desconfio que Leach (1970) tem essa opinião, sobre a diminuta contribuição de Lévi-Strauss em estudos de parentesco porque tiveram várias divergências nesse campo (v. o que Kuper [1978] menciona sobre isso).

O Quadro ‘Cronologia da Vida de Claude Lévi-Strauss’ (v. abaixo), organizado por Leach (1970, p. 12), descreve as publicações de Lévi-Strauss até o final da década de 1960, destacando também importantes eventos na sua trajetória acadêmica, como é o exemplo da sua Medalha de Ouro obtida no *Centre National de La Recherche Scientifique*, sendo “a mais alta distinção científica francesa” (LEACH, 1970, p. 13).

Quadro: Cronologia da vida de Claude Lévi-Strauss

<p>vigoroso e polêmico contra-ataque endereçado às opiniões daqueles admiradores ingleses que, como eu, se atreveram a sugerir que partes da sua teoria não se ajustam aos fatos.</p> <p>Obviamente, um livro deste gênero não pode fornecer-me uma base a partir da qual se desenvolva um comentário compreensivo sobre a atitude geral de Lévi-Strauss. Assim, deixá-lo-ei para o fim. Entretanto, necessitamos de uma orientação cronológica. O Quadro A fornece datas para uma série de eventos significativos.</p> <p style="text-align: center;">QUADRO A. Cronologia da Vida de Claude Lévi-Strauss*</p> <table border="0"> <thead> <tr> <th>Ano</th> <th>Acontecimento</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1908</td> <td>Nasce na Bélgica (Bruxelas).</td> </tr> <tr> <td>1914-18</td> <td>Vive com seus pais (o pai era um artista) nos arredores de Vervalhes.</td> </tr> <tr> <td>1927-32</td> <td>Estuda na Universidade de Paris, onde se formou em Direito e faz concurso para professor de Filosofia. Suas leituras incluem as obras dos "mestres da Escola Francesa de Sociologia" — presumivelmente, Saint-Simon, Comte, Durkheim e Mauss.¹</td> </tr> <tr> <td>1932-34</td> <td>Trabalha como professor num <i>lycée</i>.</td> </tr> <tr> <td>1934</td> <td>Grças ao patrocínio de Coelestin Bouglé,² Diretor da <i>École Normale Supérieure</i>, é-lhe oferecido um cargo de Professor de Sociologia na Universidade de São Paulo, Brasil.</td> </tr> <tr> <td>1934-37</td> <td>Professor de Sociologia da Universidade de São Paulo.³ Durante esse período, parece ter voltado à França em numerosas ocasiões. Realizou também várias visitas breves ao interior do Brasil, para se dedicar a investigações etnográficas. No final do período, totalizou um cinco meses de experiências de campo.</td> </tr> <tr> <td>1934⁴</td> <td>Lê em inglês <i>Primitive Society</i> (1920), de Lowie; foi o seu primeiro contato com uma obra antropológica, escrita por um especialista na matéria. A tradução francesa do livro de Lowie, por E. Metraux, só seria publicada em 1955.</td> </tr> <tr> <td>1936</td> <td>Primeira publicação antropológica: um artigo de 45 páginas sobre a organização social dos índios Bororo.</td> </tr> <tr> <td>1938-39</td> <td>Tendo se demitido do serviço da Universidade de São Paulo, obteve apoio financeiro do Governo francês para uma expedição mais extensa ao Brasil Central. Os detalhes desta expedição são difíceis de determinar. Inicialmente, Lévi-Strauss teve dois companheiros científicos empenhados em outras espécies de pesquisa. O grupo desceu sua base em Goiás, em junho de 1938, e atingiu a confluência dos rios Madeira e Machado no fim desse ano. Segundo parece,</td> </tr> </tbody> </table>	Ano	Acontecimento	1908	Nasce na Bélgica (Bruxelas).	1914-18	Vive com seus pais (o pai era um artista) nos arredores de Vervalhes.	1927-32	Estuda na Universidade de Paris, onde se formou em Direito e faz concurso para professor de Filosofia. Suas leituras incluem as obras dos "mestres da Escola Francesa de Sociologia" — presumivelmente, Saint-Simon, Comte, Durkheim e Mauss. ¹	1932-34	Trabalha como professor num <i>lycée</i> .	1934	Grças ao patrocínio de Coelestin Bouglé, ² Diretor da <i>École Normale Supérieure</i> , é-lhe oferecido um cargo de Professor de Sociologia na Universidade de São Paulo, Brasil.	1934-37	Professor de Sociologia da Universidade de São Paulo. ³ Durante esse período, parece ter voltado à França em numerosas ocasiões. Realizou também várias visitas breves ao interior do Brasil, para se dedicar a investigações etnográficas. No final do período, totalizou um cinco meses de experiências de campo.	1934 ⁴	Lê em inglês <i>Primitive Society</i> (1920), de Lowie; foi o seu primeiro contato com uma obra antropológica, escrita por um especialista na matéria. A tradução francesa do livro de Lowie, por E. Metraux, só seria publicada em 1955.	1936	Primeira publicação antropológica: um artigo de 45 páginas sobre a organização social dos índios Bororo.	1938-39	Tendo se demitido do serviço da Universidade de São Paulo, obteve apoio financeiro do Governo francês para uma expedição mais extensa ao Brasil Central. Os detalhes desta expedição são difíceis de determinar. Inicialmente, Lévi-Strauss teve dois companheiros científicos empenhados em outras espécies de pesquisa. O grupo desceu sua base em Goiás, em junho de 1938, e atingiu a confluência dos rios Madeira e Machado no fim desse ano. Segundo parece,	<p>estiveram em movimento o tempo quase todo. Tudo o que Lévi-Strauss escreveu sobre os índios Nhamiquaras, do norte do Mato Grosso, e Tupi-Kanahib, do Alto-Machado, parece ter sido baseado nessa experiência.</p> <table border="0"> <tbody> <tr> <td>1939-40</td> <td>Na França, em serviço militar.</td> </tr> <tr> <td>1941</td> <td>(Primavera) Viaja para Nova Iorque, via Martinica e Porto Rico, para assumir o cargo na <i>New School of Social Research</i>, cargo esse que lhe foi arranjado por Robert Lowie, E. Metraux e Max Ascoli.</td> </tr> <tr> <td>1945</td> <td>Colabora com o artigo "L'analyse structurale en linguistique et en anthropologie" para <i>Words: Journal of the Linguistic Circle of New York</i> (revista fundada por Rossen Jakobson e seus associados).</td> </tr> <tr> <td>1946-47</td> <td>Adido Cultural da França nos Estados Unidos.</td> </tr> <tr> <td>1948</td> <td>Publicação de <i>La Vie familiale et sociale des Indiens Nhamiquaras</i> (Paris: <i>Société des Américanistes</i>).</td> </tr> <tr> <td>1949</td> <td>Publicação de <i>Les Structures élémentaires de la parenté</i> (1.^a edição, Paris: Presses Universitaires de France).</td> </tr> <tr> <td>1950</td> <td>Diretor de Estudos na <i>École Pratique des Hautes Études</i>, Universidade de Paris (Laboratório de Antropologia Social).</td> </tr> <tr> <td>1950</td> <td>Breve estadia para trabalho de campo em Chitangong, Paquistão Oriental.</td> </tr> <tr> <td>1952</td> <td>Publicação de <i>Race and History</i> (Paris: UNESCO).</td> </tr> <tr> <td>1953-60</td> <td>Secretário-Geral do Conselho Internacional de Ciências Sociais.</td> </tr> <tr> <td>1955</td> <td>Publicação de "The Structural Study of Myth", <i>Journal of American Folklore</i> (Vol. 68, n.º 270, págs. 428-44), e <i>Tristes Tropiques</i> (Paris: Plon).</td> </tr> <tr> <td>1958</td> <td>Publicação de <i>Anthropologie Structurale</i> (Paris: Plon).</td> </tr> <tr> <td>1959</td> <td>Nomorado para a cátedra de Antropologia Social no <i>Collège de France</i>.</td> </tr> <tr> <td>1960</td> <td>Publicação de "La Geste d'Andwal" (<i>Annuaire de l'É.P.H.E.</i>, 3.^a seção, Ciências Religiosas, 1958-59; Paris).</td> </tr> <tr> <td>1962</td> <td>Publicação de <i>Le Totémisme aujourd'hui</i> e <i>La Pensée sauvage</i>.</td> </tr> <tr> <td>1964</td> <td>Publicação de <i>Mythologiques</i>, Vol. I: <i>Le Cru et le cuit</i>.</td> </tr> <tr> <td>1967</td> <td>Publicação de <i>Mythologiques</i>, Vol. II: <i>Du Miel aux cendres</i>.</td> </tr> <tr> <td>1967</td> <td>Publicação de <i>Mythologiques</i>, Vol. III: <i>L'Origine des manières de table</i>.</td> </tr> <tr> <td>1968</td> <td>Distinguido com a Medalha de Ouro do <i>Centre National de la Recherche Scientifique</i>, "a mais alta distinção científica francesa".</td> </tr> </tbody> </table> <p>* As fontes são várias; até 1941, a maioria das informações provém de <i>Tristes Tropiques</i>. O autor agradece ao Professor Lévi-Strauss algumas correções feitas no texto, tal como foi originalmente redigido.</p> <p>¹ Lévi-Strauss também recorda que, desde muito cedo, se interessara intensamente pela gramática e que, no final da adolescência, des-</p>	1939-40	Na França, em serviço militar.	1941	(Primavera) Viaja para Nova Iorque, via Martinica e Porto Rico, para assumir o cargo na <i>New School of Social Research</i> , cargo esse que lhe foi arranjado por Robert Lowie, E. Metraux e Max Ascoli.	1945	Colabora com o artigo "L'analyse structurale en linguistique et en anthropologie" para <i>Words: Journal of the Linguistic Circle of New York</i> (revista fundada por Rossen Jakobson e seus associados).	1946-47	Adido Cultural da França nos Estados Unidos.	1948	Publicação de <i>La Vie familiale et sociale des Indiens Nhamiquaras</i> (Paris: <i>Société des Américanistes</i>).	1949	Publicação de <i>Les Structures élémentaires de la parenté</i> (1. ^a edição, Paris: Presses Universitaires de France).	1950	Diretor de Estudos na <i>École Pratique des Hautes Études</i> , Universidade de Paris (Laboratório de Antropologia Social).	1950	Breve estadia para trabalho de campo em Chitangong, Paquistão Oriental.	1952	Publicação de <i>Race and History</i> (Paris: UNESCO).	1953-60	Secretário-Geral do Conselho Internacional de Ciências Sociais.	1955	Publicação de "The Structural Study of Myth", <i>Journal of American Folklore</i> (Vol. 68, n.º 270, págs. 428-44), e <i>Tristes Tropiques</i> (Paris: Plon).	1958	Publicação de <i>Anthropologie Structurale</i> (Paris: Plon).	1959	Nomorado para a cátedra de Antropologia Social no <i>Collège de France</i> .	1960	Publicação de "La Geste d'Andwal" (<i>Annuaire de l'É.P.H.E.</i> , 3. ^a seção, Ciências Religiosas, 1958-59; Paris).	1962	Publicação de <i>Le Totémisme aujourd'hui</i> e <i>La Pensée sauvage</i> .	1964	Publicação de <i>Mythologiques</i> , Vol. I: <i>Le Cru et le cuit</i> .	1967	Publicação de <i>Mythologiques</i> , Vol. II: <i>Du Miel aux cendres</i> .	1967	Publicação de <i>Mythologiques</i> , Vol. III: <i>L'Origine des manières de table</i> .	1968	Distinguido com a Medalha de Ouro do <i>Centre National de la Recherche Scientifique</i> , "a mais alta distinção científica francesa".
Ano	Acontecimento																																																										
1908	Nasce na Bélgica (Bruxelas).																																																										
1914-18	Vive com seus pais (o pai era um artista) nos arredores de Vervalhes.																																																										
1927-32	Estuda na Universidade de Paris, onde se formou em Direito e faz concurso para professor de Filosofia. Suas leituras incluem as obras dos "mestres da Escola Francesa de Sociologia" — presumivelmente, Saint-Simon, Comte, Durkheim e Mauss. ¹																																																										
1932-34	Trabalha como professor num <i>lycée</i> .																																																										
1934	Grças ao patrocínio de Coelestin Bouglé, ² Diretor da <i>École Normale Supérieure</i> , é-lhe oferecido um cargo de Professor de Sociologia na Universidade de São Paulo, Brasil.																																																										
1934-37	Professor de Sociologia da Universidade de São Paulo. ³ Durante esse período, parece ter voltado à França em numerosas ocasiões. Realizou também várias visitas breves ao interior do Brasil, para se dedicar a investigações etnográficas. No final do período, totalizou um cinco meses de experiências de campo.																																																										
1934 ⁴	Lê em inglês <i>Primitive Society</i> (1920), de Lowie; foi o seu primeiro contato com uma obra antropológica, escrita por um especialista na matéria. A tradução francesa do livro de Lowie, por E. Metraux, só seria publicada em 1955.																																																										
1936	Primeira publicação antropológica: um artigo de 45 páginas sobre a organização social dos índios Bororo.																																																										
1938-39	Tendo se demitido do serviço da Universidade de São Paulo, obteve apoio financeiro do Governo francês para uma expedição mais extensa ao Brasil Central. Os detalhes desta expedição são difíceis de determinar. Inicialmente, Lévi-Strauss teve dois companheiros científicos empenhados em outras espécies de pesquisa. O grupo desceu sua base em Goiás, em junho de 1938, e atingiu a confluência dos rios Madeira e Machado no fim desse ano. Segundo parece,																																																										
1939-40	Na França, em serviço militar.																																																										
1941	(Primavera) Viaja para Nova Iorque, via Martinica e Porto Rico, para assumir o cargo na <i>New School of Social Research</i> , cargo esse que lhe foi arranjado por Robert Lowie, E. Metraux e Max Ascoli.																																																										
1945	Colabora com o artigo "L'analyse structurale en linguistique et en anthropologie" para <i>Words: Journal of the Linguistic Circle of New York</i> (revista fundada por Rossen Jakobson e seus associados).																																																										
1946-47	Adido Cultural da França nos Estados Unidos.																																																										
1948	Publicação de <i>La Vie familiale et sociale des Indiens Nhamiquaras</i> (Paris: <i>Société des Américanistes</i>).																																																										
1949	Publicação de <i>Les Structures élémentaires de la parenté</i> (1. ^a edição, Paris: Presses Universitaires de France).																																																										
1950	Diretor de Estudos na <i>École Pratique des Hautes Études</i> , Universidade de Paris (Laboratório de Antropologia Social).																																																										
1950	Breve estadia para trabalho de campo em Chitangong, Paquistão Oriental.																																																										
1952	Publicação de <i>Race and History</i> (Paris: UNESCO).																																																										
1953-60	Secretário-Geral do Conselho Internacional de Ciências Sociais.																																																										
1955	Publicação de "The Structural Study of Myth", <i>Journal of American Folklore</i> (Vol. 68, n.º 270, págs. 428-44), e <i>Tristes Tropiques</i> (Paris: Plon).																																																										
1958	Publicação de <i>Anthropologie Structurale</i> (Paris: Plon).																																																										
1959	Nomorado para a cátedra de Antropologia Social no <i>Collège de France</i> .																																																										
1960	Publicação de "La Geste d'Andwal" (<i>Annuaire de l'É.P.H.E.</i> , 3. ^a seção, Ciências Religiosas, 1958-59; Paris).																																																										
1962	Publicação de <i>Le Totémisme aujourd'hui</i> e <i>La Pensée sauvage</i> .																																																										
1964	Publicação de <i>Mythologiques</i> , Vol. I: <i>Le Cru et le cuit</i> .																																																										
1967	Publicação de <i>Mythologiques</i> , Vol. II: <i>Du Miel aux cendres</i> .																																																										
1967	Publicação de <i>Mythologiques</i> , Vol. III: <i>L'Origine des manières de table</i> .																																																										
1968	Distinguido com a Medalha de Ouro do <i>Centre National de la Recherche Scientifique</i> , "a mais alta distinção científica francesa".																																																										

Fonte: Leach (1970, p. 12-13).

Após a década de 1960, Lévi-Strauss ainda publicou obras notáveis, tais como **O Homem Nu** (2011), **A Origem dos Modos à Mesa: Mitológicas III** (2006), **A Via das Máscaras** (1981), **Olhar, Escutar, Ler** (1997), **História de Lince** (1993) e **Saudades do Brasil** (1994). Seria interessante colocar em ordem cronológica essa rica produção bibliográfica de Lévi-Strauss, no período pós década de 1960, para traçar seu interesse teórico em termos de produção literária (bibliográfica). Considero interessante ressaltar, o fato de todos seus livros serem traduzidos para língua portuguesa.

Ler a resenha **O Homem Nu de Claude Lévi-Strauss** <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2012/01/14/resenha-de-homem-nu-de-claude-levi-strauss-426318.asp>, publicado num jornal Globo, revelando a popularidade desse antropólogo nos variados meios acadêmicos brasileiros. Assim, sobre **O Homem Nu** (LÉVI-STRAUSS, 2011), o antropólogo Renato Sztutman (s/d) comenta que em suas 747 páginas, onde são reunidas mais de 300 narrativas de mitos indígenas, “o livro

dá continuidade e sugere um desfecho para esta longa viagem através da mitologia dos índios das duas Américas”

Sztutman (2012) observa:

Lévi-Strauss quer demonstrar nas ‘Mitológicas’ a existência de uma ‘unidade profunda’ da mitologia ameríndia. E o fio condutor é um mito colhido entre os Bororo do Mato Grosso, batizado em ‘O cru e o cozido’ (primeiro volume, de 1964) como ‘mito de referência’ ou ‘M1’. Este conta a história de um herói abandonado pelos seus no topo de uma árvore, na qual havia subido para roubar ovos de araras. Ao romper sua situação de isolamento e penúria, ele instaura a cultura e estabelece separações entre diferentes ordens do cosmos. A narrativa Bororo conduz a uma série de mitos de povos vizinhos relacionados à aquisição do fogo de cozinha, da caça e da agricultura, nos quais o motivo do ‘desaninhador de pássaros’ vai aos poucos se metamorfoseando em outros (SZTUTMAN, 2012).

Sztutman descreve vários caminhos explicativos de mitos e a análise de Lévi-Strauss dentro do “único mito”, para finalmente concluir que essa obra de Lévi-Strauss (2011):

Representa menos um inventário de universais do Espírito humano do que um exercício de interlocução constante entre um autor que jamais deixou de estar comprometido com a cultura europeia e o pensamento de povos distribuídos na vastidão das duas Américas (SZTUTMAN, 2012)

Sztutman (2009) no seu artigo **Ética e Profética nas Mitológicas de Lévi-Strauss**, chama atenção para o caráter centrado numa filosofia política e ética ameríndias nessas várias publicações, inclusive no livro **Historia de Lince** (LÉVI-STRAUSS, 1993), que o situa dentro desse aspecto do trabalho de Lévi-Strauss.

Em seu famoso livro **Tristes Trópicos** (2011), Lévi-Strauss inicia afirmando que odeia as viagens e os exploradores, e que se encontra depois de quinze anos da viagem que fez ao Brasil “disposto a relatar... [suas] expedições” (p. 11). Trata-se de uma obra fundamental, pois ele descreve suas experiências (é uma autobiografia) entre índios brasileiros. Leach (1982) observa **Tristes Trópicos** (LÉVI-STRAUSS, 2011) como um livro “autobiográfico, etnográfico e itinerante” (LEACH, 1982, p. 11).

Assistir o filme A Propósito de Tristes Trópicos <http://youtu.be/7e4hvUPIOEQ>

3.2 Sobre a Noção de Estrutura

Para abordar o estruturalismo em Lévi-Strauss, considero importante inicialmente, focalizar uma comunicação oral que ele proferiu sobre a noção de estrutura em etnologia, apresentada num simpósio de antropologia em 1952 em Nova York. O objetivo aqui é abordar como esse autor entende a noção de estrutura e a partir daí seguirmos continuando a focalizar sua produção bibliográfica, visando um entendimento do estruturalismo que ele inaugura na Antropologia.



Lévi-Strauss

Fonte: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://graphics8.nytimes.com/images/2009/11/03/obituaries/03cnd_strauss/articleInline.jpg&imgrefurl=http://www.nytimes.com/2009/11/04/world/europe/04levistrauss.html?pagewanted%3Dall&h=212&w=152&tbid=MGFO-gKGdCYXOM:&zoom=1&tbnh=186&tbnw=133&usq=__bfHxRqcbUOdUNqR37WLPKSSLRvU=&docid=CZGkFdfV5_ycrM&itg=1&sa=X&ei=ABS3U7KxB6qlsQSi4IDwCw&ved=0CJEBEPwdMAo

Lévi-Strauss (1975) inicia uma comunicação (publicada no seu livro **Antropologia Estrutural**), chamando atenção que “A noção de estrutura social evoca problemas demasiado vastos e vagos para que se possam trata-los nos limites de um artigo” (p. 313). Daí explica que é uma comunicação voltada para aqueles interessados aos “estudos tais como os consagrados ao estilo às *categorias universais da cultura* e à *linguística estrutural*” (p. 313). Assim, ele delimita a sua preocupação com *universais da cultura* enquanto temáticas que irá desenvolver nos seus estudos, como é o caso do parentesco, totemismo, mitologia, etc., como veremos mais adiante. A menção à Linguística Estrutural se deve a influência da linguística que se relaciona com símbolos e significados, dentro do campo da antropologia que tem preocupações com comunicação também.

Lévi-Strauss (1975) chama atenção que esta noção “estrutura social” é associada “aos aspectos formais dos fenômenos sociais” e por isso, “sai-se... do domínio da descrição para considerar noções e categorias que não pertencem propriamente à etnologia” (p. 314). Ele explica que é dessa forma, “com a condição de adotar o mesmo tipo de formalização [que] o interesse das pesquisas estruturais... nos dão a esperança de que ciências mais avançadas... possam nos fornecer modelos de métodos e de soluções” (p.

314). Aqui faço uma observação para nos textos a serem lidos se prestar atenção a sua referência à Matemática, à ciência da Comunicação, e à Linguística.

Daí, Lévi-Strauss cita Kroeber (1948), que no seu livro **Anthropology** <https://archive.org/stream/anthropologyrace00kroe#page/2/mode/2up> explica sobre a aplicação desse termo ‘estrutura’ nos estudos de personalidade, chegando à conclusão que “[a] noção de ‘estrutura’ não é senão uma concessão à moda... parece que não acrescenta absolutamente nada ao que temos no espírito quando o empregamos, senão que nos deixa agradavelmente intrigados” (KROEBER 1948, p. 325 [apud LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 314]). Então, Lévi-Strauss (1975) explica que “a noção de estrutura não depende de uma definição indutiva, fundada na comparação e na abstração dos elementos comuns a todas as acepções do termo” (p. 315). Ele então questiona: “...ou o termo estrutura social não tem sentido, ou este mesmo sentido tem já uma estrutura” (p. 315). É nisso, “[n]a estrutura da noção” que Lévi-Strauss aponta que deve ser apreendido, para posteriormente focalizar o principal contexto em que essa noção aparece, que no caso dos etnólogos vem sendo bastante utilizada nos domínios do parentesco.

Assim, Lévi-Strauss (1975) no primeiro item dessa sua fala intitulado ‘Definição e Problemas de Método’, explica que “estrutura social não se refere à realidade empírica, mas aos modelos construídos em conformidade com ela” (p. 315). Ele também aponta que “(a)s relações sociais são a matéria-prima empregada para a construção dos modelos que tornam manifesta a própria estrutura social” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 315). É nesse sentido que a abordagem estruturalista de Lévi-Strauss diverge totalmente do estrutural-funcionalismo em Radcliffe-Brown, refletindo posições epistemológicas radicalmente opostas. Lévi-Strauss inclusive afirma exatamente isso: “trata-se de saber em que consistem estes modelos que são o objeto próprio das análises estruturais” (p. 316). Por isso, “[o] problema não depende da etnologia, mas de epistemologia” (p. 316). Enquanto em Radcliffe-Brown há o desenvolvimento da tradição empirista, onde as relações sociais são sim a base para o entendimento da estrutura social em que se baseia organização social e diversos aspectos da sociedade (política, educação, economia, etc.). Para Lévi-Strauss, dentro da tradição racionalista, não é o que se manifesta na aparência (relações sociais) a base para o entendimento de estrutura social, mas sim, se trata de um método “susceptível de ser aplicável a diversos problemas

etnológicos, e têm o parentesco com formas de análise estrutural usadas em diferentes domínios” (p. 316). Essas estruturas encontram-se num nível inconsciente, como ele exemplifica na explicação de modelos mecânicos (que nas sociedades primitivas leis do casamento são representadas em modelos que os indivíduos estão inseridos em classes de parentesco ou em clãs), ou modelos estatísticos, que é o caso das sociedades ocidentais, onde os tipos de casamento dependem de “fatores mais gerais” (p. 321), como fluidez social, quantidade de informação, etc. Assim, a estrutura em Lévi-Strauss se vincula essencialmente em representações que são expressas em modelos, como mais adiante aponta.

Lévi-Strauss (1975) explica que “para merecer o nome de estrutura, os modelos devem... satisfazer a quatro condições”: (a) “uma estrutura oferece um caráter de sistema”, (b) “todo modelo pertence a um grupo de transformações [que resultam na constituição e um grupo de modelos]”, (c) que é possível (por suas propriedades de caráter de sistema e dentro de grupo de modelos) “prever de que modo reagirá o modelo”, e que (d) seu “funcionamento” pode “explicar todos os fatos observados” (p. 316).

Lévi-Strauss y los fundamentos del estructuralismo <http://youtu.be/wex9Fm9rjew>

Do estruturalismo de Lévi-Strauss sobre análise estruturalista em Via das Máscaras
<http://www.osurbanitas.org/osurbanitas2/AMARAL.html>

Continuando a discutir sobre questões associadas à compreensão de modelos, Lévi-Strauss (1975) destaca vários assuntos ainda nesse primeiro item, tais como os relacionados à “Observação e experimentação” (p. 317-318); “Consciência e inconsciente” (p. 318-320); a distinção de “Modelos mecânicos e estatísticos” (p. 320-322); para posteriormente discutir num segundo item “Morfologia Social ou Estruturas de Grupo” (p. 327-335); no terceiro item, “Estática Social ou Estruturas da Comunicação” (p. 336-351); para finalmente, abordar “Dinâmica Social e Estruturas de Subordinação” (p. 351-360). É nesse quarto item onde Lévi-Strauss explica sobre indivíduos e grupos na estrutura social, chamando atenção sobre “a ordem dos elementos” (p. 351) assumindo que “os sistemas de parentesco e as regras de casamento e de filiação formam um conjunto coordenado cuja função é assegurar a permanência do

grupo social, entrecruzando, à maneira de um tecido, as relações consanguíneas e as fundadas na aliança” (p.351). Ele então explica:

Assim, esperamos ter contribuído para elucidar o funcionamento da máquina social, extraindo perpetuamente as mulheres de suas famílias consanguíneas para redistribuí-las em outros tantos grupos domésticos, os quais transformam-se por sua vez em famílias consanguíneas, e assim por diante” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 351)

Essa última citação refere-se particularmente à constatação do fenômeno universal que ele aborda em **As Estruturas Elementares do Parentesco** (LÉVI-STRAUSS, 1982) sobre a troca de mulheres que é um bem por excelência nas sociedades primitivas. Focalizaremos essa obra mais adiante.

Lévi-Strauss (1975), então, explica que sem “influências externas, esta máquina funcionaria indefinidamente, e a estrutura social conservaria um caráter estático” (p. 351-352). Isso nos casos de sociedades isoladas, sem contato externo. Ele reconhece que “não é esse o caso” (p. 352), então propõe que “[d]evem-se, pois, introduzir no modelo teórico elementos novos, cuja interação possa explicar as transformações diacrônicas da estrutura e ao mesmo tempo as razões pelas quais uma estrutura social não se reduz nunca a um sistema de parentesco.” (p. 352). Ele então explica que há três maneiras de responder a isso:

- (a) uma relaciona-se a investigação dos fatos dentro de uma investigação de “organização política” (e exemplifica trabalhos como o de Lowie nos Estados Unidos e de Fortes e Evans-Pritchard [1981] sobre a África),
- (b) outro método “consistiria em correlacionar os fenômenos que dependem do nível já isolado, isto é, os fenômenos de parentesco, e os do nível imediatamente superior, na medida em que se pode liga-los entre si” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 352) (e assim, pode implicar, por exemplo, estruturas de comunicação e de subordinação avaliando como estão inter-relacionadas).
- (c) “estudo a priori de todos os tipos de estruturas concebíveis, resultantes de relações de dependência e de dominação aparecidas ao acaso” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 354-355), incluindo assim, noções de ‘transitividade’, ‘de ordem e de ciclo’, ‘virtuais’, ‘ideais’ [na política, mito ou religião]” (p. 356).

Então, já perto de concluir sua fala, referindo-se a “Ordens das ordens”, Lévi-Strauss (1975) explica que “[p]ara o etnólogo, a sociedade envolve um conjunto de estruturas

que correspondem a diversos tipos de ordens” (p. 356) e que o sistema de parentesco é uma delas:

...oferece um meio de ordenar os indivíduos segundo certas regras; a organização social fornece outro, as estratificações sociais ou econômicas, um terceiro. Todas estas estruturas de ordem podem ser, elas mesmas, ordenadas, com a condição de revelar que relações as unem, e de que maneira elas reagem umas sobre as outras do ponto de vista sincrônico” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 356).

É importante aqui observar como sua explicação difere da perspectiva teórica do funcionalismo, que, por exemplo, explica o parentesco como o esqueleto sobre o qual a organização social se baseia e que vários outros aspectos como a política, economia, etc. também se vinculam num equilíbrio orgânico, dentro da possibilidade de constatação desses aspectos empíricos no comportamento manifesto dos indivíduos.

Lévi-Strauss (1975) então chama atenção para as ordens “vivas”, que são função, elas mesmas, de uma realidade objetiva, e que se podem abordar do exterior, independentemente da representação que os homens delas se fazem” [e que delas sempre derivam outras, inclusive precedentes e maneiras de integração numa totalidade]” (p. 357). Mas, Lévi-Strauss explica que são as que ele se refere como as “concebidas” e que fazem parte dos domínios “do mito e da religião” (p. 357), citando vários autores que abordaram “sistemas religiosos como conjuntos estruturais” (p. 358) sendo um campo muito promissor. E concluindo, ele reconhece ser a antropologia uma ciência jovem e que por isso segue modelos menos avançados (como é o caso da mecânica clássica), daí ele explica:

Ora, o antropólogo em busca de modelos se encontra diante de um caso intermediário: os objetos de que nos ocupamos – papéis sociais e indivíduos integrados numa sociedade determinada – são muito mais numerosos que os da mecânica newtoniana, apesar de não o serem bastante para depender da estatística e do cálculo das probabilidades. Estamos, pois, situado num terreno híbrido e equivocado. Nossos fatos são muito complicados para serem abordados de um maneira, e não o bastante para que se possa abordá-los de outra (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 359).

Assim, Lévi-Strauss (1975) conclui, apontando para os desafios dessa então jovem ciência, que tem perspectivas novas no campo das pesquisas estruturais.

Mais adiante, nessa mesma obra **Antropologia Estrutural**, Lévi-Strauss (1975) discute (no capítulo XVII intitulado “Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e Problemas Colocados por seu Ensino”), vários assuntos, inclusive dá uma explicação sobre como

vem sendo considerada a Etnografia, Etnologia e Antropologia. Ele explica que é geral a noção que a etnografia “corresponde aos primeiros estágios da pesquisa: observação e descrição, trabalho de campo (*field-work*)” (p. 394). Já a etnologia, ele explica tomando a etnografia, “ela representa um primeiro passo em direção à síntese. Sem excluir a observação direta, ela tende para conclusões suficientemente extensas para que seja difícil fundá-las exclusivamente num conhecimento de primeira mão...” podendo essa síntese “operar-se em três direções: **geográfica**, quando se quer integrar conhecimentos relativos a grupos vizinhos; **histórica** [reconstituição do passado de uma ou várias populações], **sistemática**... quando se isola, para lhe dar uma atenção particular, determinado tipo de técnica, de costume ou de instituição” (p. 395). Sobre Antropologia Cultural ou Social, Lévi-Strauss explica que é a “segunda ou última etapa da síntese, tomando por base as conclusões da etnografia e da etnologia” (p. 396). Essa classificação parece associar os tipos de estudos que vinham sendo orientados dentro de perspectivas difusionistas (direção geográfica), sob a abordagem dentro do culturalismo americano (particularismo histórico) e análise funcionalista, ou mesmo estruturalista (sistêmica).

3.3 Sobre Parentesco e Totemismo:

É partindo dessas explicações que iremos agora voltar atenção para sua famosa obra **As Estruturas Elementares de Parentesco** (LÉVI-STRAUSS, 1982), considerando que se trata de um trabalho antropológico nesse sentido último que ele explica quando se refere à Antropologia Cultural ou Social. Uma obra de síntese, baseada em centenas de trabalhos etnográficos e etnológicos e que ainda propõe a interpretação da regra universal, continuando seu propósito de investigação de *categorias universais da cultura*.

Assim, **As Estruturas Elementares de Parentesco** (LÉVI-STRAUSS, 1982) é uma obra que proporciona o entendimento da própria lógica do estruturalismo nesse autor, embora Lévi-Strauss (1998) reconheça em entrevista a Eduardo Viveiros de Castro que é um produto de sua juventude e que ele “aprendeu a escrever melhor desde então” (1998, p. 08).

No primeiro capítulo de **As Estruturas Elementares de Parentesco**, intitulado Natureza e Cultura, e no segundo, O Problema do Incesto, Lévi-Strauss (1982) introduz a discussão sobre a condição biológica do homem e a passagem do estado de natureza para o estado de cultura (através da regra universal do tabu do incesto). Lévi-Strauss (1982) explica que “[a] proibição do incesto esta ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura, e em certo sentido... é a própria cultura” (p. 50) bem como “...realiza, e constitui por si mesma, o advento de uma nova ordem” (p. 63). E essa nova ordem ele vai explicar no capítulo 3, através dessa regra universal, em que “a cultura, impotente diante da filiação, toma consciência de seus direitos, ao mesmo tempo que de si mesma, diante do fenômeno inteiramente diferente, da aliança [casamento], o único sobre o qual a natureza já não disse tudo” (p. 71). É então através dessa regra universal que exogamia passa a ser o movimento para fora de hordas primitivas e regras (direitos e obrigações) passam a serem estabelecidos dentro das alianças (casamentos). Faço aqui também uma observação sobre a fundamental mudança que Lévi-Strauss inaugura com essa perspectiva teórica que adota. Até então, nos estudos funcionalistas, a ênfase era na filiação (regras de descendência, linhagens, etc.), inclusive os contextos culturais na África propiciaram essa constatação. Mas ele vai mudar esse foco e demonstrar como as regras de alianças (casamento preferencial, casamento de primos cruzados, etc.) são fundamentais para entendimento de regras de reciprocidade, enquanto *categoria universal da cultura*.

Lévi-Strauss e y el Tabu del Incesto http://youtu.be/GCqh8_Kevqw

É no capítulo cinco, que Lévi-Strauss (1982) disserta sobre o princípio da reciprocidade, retomando Mauss (1974), citando o seu famoso **Ensaio sobre a Dádiva**, que descobre como nas sociedades primitivas reciprocidade constitui um fato social total (“dotado de significação simultaneamente social e religiosa, mágica e econômica, utilitária e sentimental, jurídica e moral” [LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 92]) . Após citar diferentes exemplos etnográficos sobre a reciprocidade, ele aborda a troca de mulheres, reconhecendo que “[o]ra, a troca, fenômeno total, é primeiramente uma troca total, compreendendo o alimento, os objetos fabricados e esta categoria de bens mais preciosos, as mulheres” (p. 100). E continuando no mesmo parágrafo, Lévi-Strauss explica que enquanto progressivamente a troca com relação à mercadoria diminuiu progressivamente de importância:

“no que se refere às mulheres, ao contrário, conservou sua função fundamental, de um lado, porque as mulheres constituem o bem por excelência... mas sobretudo porque as mulheres não são primeiramente um sinal de valor social, mas um estimulante natural. São o estimulante do único instinto cuja satisfação pode ser variada, o único, por conseguinte, par ao qual, no ato da troca, e pela apercepção da reciprocidade, possa operar-se a transformação do estimulante em sinal, e ao definir por meio dessa medida fundamental a passagem da natureza à cultura, florescer em uma instituição” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p.100).

É assim que Lévi-Strauss (1982) explica essa passagem do estado de natureza para cultura, e como uma regra universal foi institucionalizada através da aliança (casamento), respondendo a algo instintivo relacionado a sexualidade e procriação. Imaginem o que essa formulação teórica provocou posteriormente em reações no movimento feminista que já é emergente nas décadas de 1950. A primeira publicação de **As Estruturas Elementares do Parentesco** ocorreu em 1949. É interessante checar as observações feitas por Gayle Rubin (1986), no seu famoso texto **Tráfico de Mulheres**, chamando atenção como Lévi-Strauss confunde sexo/gênero e naturaliza a heterossexualidade. Importante também ler de autoria da famosa feminista Simone de Beauvoir (2007), **As Estruturas Elementares de Parentesco de Claude Lévi-Strauss** <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/campos/article/viewFile/9547/6621>>

Assistir o vídeo **Entrevista com Claude Lévi-Strauss**

<https://www.youtube.com/watch?v=DHXc4kFy10A>

Para concluir essa unidade, considero importante ainda mencionar a temática sobre o totemismo, desenvolvida por Lévi-Strauss (1985), que no seu livro **O Totemismo Hoje** explica como se trata de uma forma de articular natureza e cultura e que opera em classificações ordenando categorias (ordem da natureza) em grupos (ordem da cultura).

El totemismo como sistema classificatório <http://youtu.be/1OSBOT5tPbA>

Como observa Zanini (2006), a função do totemismo segundo Lévi-Strauss é “mediar as relações entre natureza e cultura” (ZANINI, 2006, p. 527), dentro de uma operação lógica através de categorias ligadas ao mundo sensível, o que ela explica que está também implícito na obra **O Pensamento Selvagem** (LÉVI-STRAUSS, 1989), que os povos primitivos necessitam de ordenar a sua realidade e o totemismo é um sistema “formador de códigos” (p.527)

<http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/viewFile/367/305>.

Em **O Pensamento Selvagem** (1989), Lévi-Strauss afirma que o pensamento humano é mais analógico, do que lógico. No capítulo intitulado a “Ciência do Concreto”, Lévi-Strauss elabora o conceito de *bricolage* que vem sendo utilizado em descrições etnográficas.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM:

- a) Elabore uma ficha-citação sobre o capítulo Ciência do Concreto (LÉVI-STRAUSS, 2008) e fazer comentário crítico associando características do paradigma estruturalista.
- b) Fazer uma pesquisa sobre Totemismo em Lévi-Strauss e elaborar comentários, utilizando outras fontes, como é o exemplo de Zanini (2006). Destaque elementos reveladores do estruturalismo francês.

GLOSSÁRIO:

Inclusão de palavras e termos selecionados para fazer parte do Glossário e explicadas definições referentes à Unidade 3.

Unidade 4 – O Interpretativismo na Antropologia Norte-Americana e a Antropologia Pós-Moderna



Mariza Peirano

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=Mariza+Peirano+fotografia&tbm=isch&imgil=T1nRDtkGZNIigM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn1.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtb%253AAND9GcRUG7kOvKUBP-M-Wda4HQluk6vVN7GzjowghN3XsvGAeFAPQvRA%253B124%253B160%253B_7WNzEGITGF-vM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.coi.columbia.edu%25252Fvisitingscholars.html&source=iu&usg=__Odijs3Y2cWFN4eSJP4VXJp51pss%3D&sa=X&ei=XIvIU6TOJ8 fsASLiYGYDA&ved=0CCcQ9OEwAw&biw=1360&bih=624#facrc=&imgdii=&imgrc=FklTDI9vv1N0eM%253A%3BBGMFrRElfjlv0M%3Bhttps%253A%252F%252Fstaticflickr.com%252F2%252F1076%252F560271295_c523e1e94e.jpg%3Bhttps%253A%252F%252Fwww.flickr.com%252Fphotos%252Fsimon3%252F560271295%252F%3B320%3B240

Em suas manifestações variadas, a antropologia feita nos Estados Unidos parece ocupar atualmente um espaço socialmente equivalente àquela da Inglaterra na primeira metade do século, ou da França no período áureo do estruturalismo. No entanto, inserida em uma ambiência em que a ideia de fragmentação se transforma em valor, nos Estados Unidos a antropologia é inevitavelmente alvo de crítica e ameaças de dissolução. Nas publicações especializadas, o bombardeio às disciplinas domina o campo das humanidades no mundo pós-moderno (PEIRANO, 1997, p. 69).

4.1 Sobre o Paradigma Hermenêutico

Nessa unidade continuaremos a abordar aspectos simbólicos da cultura, mas agora dentro de perspectivas voltadas para o paradigma hermenêutico formado na tradição

empirista, como Cardoso de Oliveira (1988) explica: “o paradigma hermenêutico... abre seu espaço na antropologia primeiramente por uma negação radical daquele discurso cientificista exercitado pelos três outros paradigmas” (p. 97). Daí, essa é uma marca que se instaura como característica da pós-modernidade na antropologia desenvolvida nos Estados Unidos, centrada em críticas, por exemplo, da “construção do texto etnográfico, passando a ser de fundamental importância contextualização da própria pesquisa etnográfica dentro de uma interlocução com os pesquisados” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 97).

Cardoso de Oliveira (1988) também destaca como segundo aspecto,

...a reformulação de três elementos que haviam sido domesticados pelos paradigmas da ordem: a subjetividade que, liberada da coerção da objetividade, toma sua forma socializada, assumindo-se como *inter-subjetividade*: o indivíduo, igualmente liberado das tentações do psicologismo, toma sua forma personalizada (portanto o indivíduo socializado) e não teme assumir sua *individualidade*; e a história, desvencilhadas das peias naturalista que a tornavam totalmente exterior ao sujeito cognoscente, pois dela se esperava fosse objetiva, toma sua forma interiorizada e se assume como *historicidade* (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 97).

Assim, Cardoso de Oliveira (1988) aponta que são esses três elementos que atuam como “fatores de desordem daquela ‘antropologia tradicional’” (p.101), propiciando assim: “...o exercício pleno da intersubjetividade – que não se confunde com subjetividade – nos domínios privilegiados da investigação etnográfica” (p. 101). Assim, essa nova forma de investigação etnográfica:

...revitaliza o pesquisador e o pesquisado enquanto individualidades explicitamente reconhecidas, uma vez que a própria biografia deste último pode ser a autobiografia do primeiro. E ao apreender a vida do Outro (indivíduo, grupos ou povos), o faz em termos de historicidade, num tempo histórico do qual ele próprio, pesquisador, não se exclui. A intersubjetividade, a individualidade e a historicidade parecem circunscrever a nova antropologia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1978, p.101).

Assistir explicação de Roberto Cardoso de Oliveira sobre a **Hermenêutica e Antropologia** <http://youtu.be/QHUIOsrrjKk>

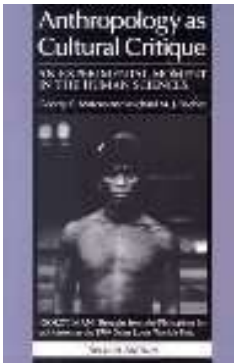
Alguns autores que se destacam dentro dessa produção, que marcaram de forma bastante significativa com suas perspectivas teóricas inovadoras, foi o antropólogo James Clifford (2002), que no seu livro **A Experiência Etnográfica Antropologia e Literatura no Século XX**, argumenta que inovações na década de 1920 foram feitas através do “novo teórico-pesquisador de campo” (Clifford, 2002, p. 27) que “desenvolveu um novo e poderoso gênero científico e literário, a etnografia, uma

Clifford organiza, juntamente com George Marcus (1986), o famoso **Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography** <http://lcst3789.files.wordpress.com/2012/01/clifford-writing-culture.pdf> , onde reúne vários autores como Michael Fischer, Renato Rosaldo, Vincent Crapanzano que se destacam pela crítica a autoridade etnográfica e proposta de novas formas da realização do trabalho etnográfico.

Na entrevista realizada por Heloísa Buarque de Almeida, Lídia Marcelino Rebouças e Vagner Gonçalves da Silva, o antropólogo George Marcus (1993) explica:

Acho que em nosso livro, Fischer e eu fomos um pouco ingênuos e tentamos recuperar uma tradição crítica da antropologia. Haveria sempre uma dualidade. Sempre que um trabalho está lidando com o outro, estamos fazendo uma crítica implícita à nossa sociedade. Essa seria uma tradição crítica da antropologia que estaria precisando ser desenvolvida. Mas ela implica em dizer que o trabalho crítico esta na “repatriação”. Na antropologia americana, e também na britânica e francesa, a norma geral é trabalhar fora da nossa sociedade e depois voltar a ela. Nesse sentido é uma antropologia “imperial” – não é este o caso aqui no Brasil. Nos departamentos de antropologia e Sociologia, de Chicago ou até no meu departamento, por exemplo, os alunos de pós-graduação devem trabalhar no México, na África ou na Ásia, e depois podem trabalhar com a sociedade americana – e há muitos bons motivos para isso. Se os alunos escolhem trabalhar com a sociedade americana na sua primeira pesquisa, eles não são considerados “antropólogos de verdade” (MARCUS, 1993, p. 138)

É importante chamar atenção que nessa publicação **Antropologia como Crítica Cultural. Um Momento Experimental nas Ciências Humanas**, de autoria de George Marcus e Michael Fischer (1986), eles discutem a crise da representação nas ciências humanas (capítulo 1), etnografia e antropologia interpretativa (capítulo 2), antropologia como crítica cultural (capítulo 5), entre outros temas considerados fundamentais para compreensão teórica e metodológica (técnicas) nessa nova orientação, dentro do momento histórico da pós-modernidade na antropologia.

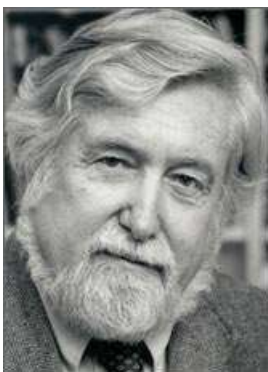


Sobre **Ethnography and Interpretative Anthropology** (MARCUS; FISCHER, 1986 [Etnografia e Antropologia Interpretativa]), texto publicado no livro **Anthropology as Cultural Critique**, ler comentários de João Paulo Aprígio Moreira (2009) <http://stormblast.wordpress.com/tag/antropologia-interpretativista>

Assistir videoaula: **Marcus & Fischer: la crisis de representación en la Antropología**
<http://youtu.be/Fsvr38IAFbs>

Ler artigo de Mariza Peirano (1997) **Onde está a Antropologia?**
<http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2441.pdf>

4.2 Geertz e a Proposta da Antropologia Interpretativa



Clifford Geertz

Fonte: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.indiana.edu/~wanthro/theory_pages/images/geertz-photo.jpg&imgrefurl=http://www.indiana.edu/~wanthro/theory_pages/Geertz.htm&h=184&w=133&tbnid=9UQGwdSw70fJcM:&zoom=1&tbnh=160&tbnw=115&usq=__Qrd_a-VMIBZ7O8qlKuApCUF9gMg=&docid=K8cYOk0-Xhgh2M&itg=1&sa=X&ei=YCi3U6XuJ4_JsQsrmiCwCQ&ved=0CI4BEPwdMAo

A resenha sobre o livro de Geertz **Obras e Vidas O Antropólogo com Autor** (2005), intitulada **As Estratégias Textuais de Clifford Geertz** de autoria da antropóloga

Fernanda Massi (s/d)

<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/40313/43198> traz

importantes observações biográficas sobre esse autor e chama atenção para a preocupação dele com o texto como o lugar onde “o exercício de compreensão cultural se realiza” (MASSI, s/d, p. 165) .

Sobre isso, sugiro ler o artigo **A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia** de autoria de Teresa Pires do Rio Caldeira (1988) onde ela explica sobre a crítica pós-moderna, relacionada a mudanças no macrocontexto e significativa alteração epistemológica que refletem na própria relação com os pesquisados.

No primeiro capítulo do seu famoso livro **A Interpretação das Culturas**, Geertz (1978) afirma que é através do conceito de cultura que “surgiu todo o estudo da antropologia e cujo âmbito essa matéria tem se preocupado cada vez mais em limitar, especificar, enforçar e conter” (GEERTZ, 1978, p. 14), daí propõe um conceito “semiótico”, seguindo Max Weber “que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (p.15). Geertz (1978) escreve: “assumo a cultura como sendo essa teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (p. 15). Ao explicar isso, Geertz (1978) afirma que os antropólogos fazem é a etnografia, daí é na “prática da etnografia” onde “se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento” (p. 15). E assim propõe a “descrição densa” que seria mais do que “praticar a etnografia” enquanto “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (p. 15). Para Geertz, o que define a prática da etnografia é o “tipo de esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’” (p. 15). É através do exemplo do piscar de olho, com diferentes conotações (desde um simples tique nervoso, a expressões de imitação, de cumplicidade, etc.) que Geertz descreve um excerto de seu diário de campo para demonstrar como o etnógrafo está sempre a “procurar o seu caminho continuamente” (p. 17). Assim, ele explica que “a etnografia é uma descrição densa” e:

“o que o etnógrafo enfrenta, de fato... é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (GEERTZ, 1978, p.20).

Explicando que cultura “é pública”, enquanto “documento de atuação” (p. 20) e porque o próprio “significado o é” (p. 22), Geertz (1978) afirma que a pesquisa etnográfica enquanto “experiência pessoal” é um eterno “situar-nos” (p. 23) e é isso: “estar-se situado” o que “consiste o texto antropológico como entendimento científico” (p. 23). Seria então a “interpretação antropológica... a compreensão do que ela se propõe a dizer... de que nossas formulações dos sistemas simbólicos de outros povos devem ser orientadas pelos atos” (p. 24-25). Assim, ele explica como os “textos antropológicos são eles mesmos interpretação e, na verdade, de segunda e terceira mão” (p. 25). É nesse aspecto que entendemos o paradigma interpretativista que considera que há realidades passíveis de serem sempre interpretadas e que a antropologia é uma interpretação das interpretações.

Para Geertz (1978), ao inscrever o “discurso social”, o etnógrafo “o anota” e assim, “o transforma de acontecimento passado... em um relato” (p. 29), baseado “...apenas àquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender” (p. 29).

Ele explica que:

A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea (GEERTZ, 1978, p. 31).

Geertz, dessa forma, critica abordagens antropológicas que fazem grandes interpretações como o Estruturalismo que mapeia uma “paisagem incorpórea” e busca interpretações universais.

Trata-se, portanto, segundo Geertz (1978), de uma investigação em que o “locus do estudo não é o objeto de estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias” (p. 32). Essa perspectiva metodológica traz para a experiência particular subjetiva o trabalho etnográfico através do qual o antropólogo se situa. Assim, Geertz (1978) explica que “como uma ciência observacional, quando o trabalho é de ‘inscrição’ (‘descrição densa’) e ‘especificação’ (‘diagnose’)” (p. 37) – o trabalho do antropólogo é:

...anotar o significado que as ações sociais particulares têm para os atores cujas ações elas são e afirmar, tão explicitamente quanto nos for possível, o que o conhecimento assim atingido demonstra sobre a sociedade na qual é encontrado e, além disso, sobre a vida social como tal (GEERTZ, 1978, p. 37).

Como exemplo desses posicionamentos teóricos e metodológicos dentro da Antropologia, o capítulo nove, intitulado Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa, serve como uma referência já considerada clássica dentro da antropologia interpretativa, através do qual uma analogia entre galos, jogos e a sociedade balinesa é realizada.

Clifford Geertz: La riña de gallos en Bali <http://youtu.be/wc-zozUs1w0>

No capítulo quatro intitulado **A Religião como Sistema Cultural**, Geertz (1978) formula um conceito de religião que revela características da orientação teórica dentro da hermenêutica, com sua preocupação em busca de significados sobre como indivíduos vivenciam experiências religiosas, através do qual a realidade aparece aos indivíduos como dada.

La religión como sistema cultural <http://youtu.be/WUcw-CCJCz0>

Em entrevista, Geertz explica como se situa na antropologia revelando qual é seu interesse como antropólogo http://youtu.be/36_UFucACIg

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- a) Fazer um trabalho reunindo dados das mais variadas fontes, como entrevistas, textos e vídeos relacionados às ideias de Clifford Geertz visando explicar características de sua antropologia interpretativa.
- b) Fazer uma análise do capítulo 9, Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa, destacando características do que Geertz (1978) descreve no primeiro capítulo enquanto “descrição densa”. Ou seja, explique, através do capítulo nove, como Geertz realiza uma antropologia interpretativa dentro das características desse tipo de empreendimento. Construa essa explicação destacando aspectos que ele elenca no primeiro capítulo de seu livro, selecionando exemplos etnográficos.

GLOSSÁRIO:

Inclusão de palavras e termos selecionados e definições dentro da Unidade 4.

Unidade 5 – Antropologia e Historia: Marxismo, Antropologia e Contextos de Globalização

É importante abordar nessa disciplina obras de antropólogos tais como o francês Maurice Godelier e o norte americano Marshal Sahlins que são exemplos significativos por seguirem trajetórias acadêmicas ricas em transitarem por diferentes paradigmas. Assim, incluo Sahlins como um daqueles que Cardoso de Oliveira (1988) se refere, citando Godelier, que “vivem eles próprios a enriquecedora tensão... [transitando] consciente e criticamente entre os paradigmas, entre as ‘Escolas’” (p. 23).



Maurice Godelier

https://www.google.com.br/search?q=Maurice+Godelier&tbn=isch&imgil=IOF-7-bBiIwxQM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn2.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AAND9GcTIQUPJu8uZC_YM79CKBmXclS3UchChwAP7uNzQLPLIA9hc-zI9GQ%253B600%253B402%253BJUOk8jN7DEW_jM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.pacific-credo.fr%25252Findex.php%25253Fpage%2525253Dscope-of-anthropology&source=iu&usg=__LcEnCtrRjUBzshV4jdSTdReE_VU%3D&sa=X&ei=QSq3U7v7BpXFsaATkjoHQCA&ved=OCKABEP4dMA4&biw=1360&bih=624#facrc=__&imgdii=__&imgrc=IOF-7-bBiIwxQM%253A%253BJUOk8jN7DEW_jM%253Bhttp%253A%252F%252Fwww.pacific-credo.fr%252Fuploads%252Fimages%252Fgodelier%252FDSC_1437.jpg%253Bhttp%253A%252F%252Fwww.pacific-credo.fr%252Findex.php%253Fpage%253Dscope-of-anthropology%253B600%253B402

Maurice Godelier, como veremos mais adiante, introduz novas perspectivas teóricas desenvolvendo uma antropologia marxista apontada como estrutural.



Marshal Sahlins

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://ucexchange.uchicago.edu/interviews/sahlins.jpg&imgrefurl=http://ucexchange.uchicago.edu/interviews/sahlins.html&h=194&w=260&tbnid=8IWNK2cQOpEaM:&zoom=1&tbnh=149&tbnw=200&usg=__HnIbd3XiU0AnIttUZWDcvS4mOsU=&docid=8mE3GGkb8oBf4M&itg=1&sa=X&ei=ISm3U42KIPOwsAS4uIHwBQ&ved=0CNIBEPwDMAo

Sahlins é considerado hoje como um antropólogo em destaque, tendo recebido o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Minas Gerais

<<https://www.ufmg.br/online/arquivos/005827.shtml>>

Segundo Cardoso de Oliveira (1988), a “antropologia marxista” não se encontra enraizada em nenhum dos paradigmas específicos, no entanto “é produto da tensão entre a tradição empirista e a intelectualista, particularmente entre um tipo de ‘materialismo evolutivo’ (concernente ao 3º paradigma) e de um ‘criticismo dialético’ (referente ao 4º)” (p. 23).

Assim, abordaremos esses dois autores, cujas produções são contemporâneas e que focalizam dentro de suas abordagens diferentes considerações sobre a relação da História dentro da Antropologia.

5.1 Antropologia e Marxismo

Godelier e a Formação Econômica e Social http://youtu.be/SIss_zA5S5o .



Edgard Assis Carvalho

Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=Edgard+Assis+Carvalho&tbn=isch&imgil=psUdP_FYSEgD6M%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn.l.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AANd9GcQTdX5-4x_78TB0o1qB6ruCwNRHY31QSk_a_n3CSVIpgXgDeWuDf%253B640%253B480%253BVrwrhMp4He7TM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fsombradaoitica.wordpress.com%25252F2010%25252F04%25252F25%25252Ffedgard-de-assis-carvalho-2%25252F&source=iu&usg=__s7J4m6Qp8w49eXYcQbBL5gLD3do%3D&sa=X&ei=j8zHU4iuGJbfsAS7qIKYCA&ved=0CC4Q9QEwAg&biw=1360&bih=624#facrc=&imgrc=psUdP_FYSEgD6M%253A%253BVrwrhMp4He7TM%253Bhttp%253A%252F%252Fsombradaoitica.files.wordpress.com%252F2010%252F04%252Fimagem0781.jpg%253Bhttp%253A%252F%252Fsombradaoitica.wordpress.com%252F2010%252F04%252F25%252Ffedgard-de-assis-carvalho-2%252F%253B640%253B480

Considero interessante iniciar essa temática do marxismo na Antropologia com o antropólogo brasileiro Edgard Assis Carvalho (1985) que no seu artigo intitulado **Marxismo Antropológico e a Produção das Relações Sociais** <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1850/1517> discute, como consta no resumo: “A construção de uma teoria da produção das relações sociais no ângulo do marxismo antropológico e das práticas sócio históricas de sociedades não capitalistas” (CARVALHO, 1985, p. 153). Carvalho inicia seu texto chamando atenção para a dificuldade do uso dos termos como “produção” e “trabalho” em sociedades não capitalistas, uma vez que são noções que estariam mais adequadas ao sistema capitalista. A partir daí, portanto, Carvalho (1985) explica, a dificuldade desses termos

serem aplicados àquelas sociedades estudadas pelos antropólogos e, conseqüentemente, de se ter o desenvolvimento de uma “teoria das relações sociais na modalidade não capitalistas de produção” (p. 154).

Carvalho (1985) chama atenção que “valores de uso”, prática agrícola enquanto principal atividade produtiva e “a comunidade como mediação da relação homem/terra” (p. 154) seriam características presentes em todas as modalidades de formas pré-capitalistas, como no modo primitivo, asiático, germânico e romano presentes no processo histórico. Ele acrescenta que o importante é descobrir em quais condições se dá a formação da comunidade, seja “através [d]a dissolução dos laços consanguíneos, [d]o surgimento de novas formas comunitárias e coletivas na ocupação do solo e [d]a formação da relação entre cidade/campo “ (p. 154). Dentro dessa compreensão, é a partir da dissolução dessas condições (surgidas na formação da comunidade), dentro do processo histórico, que irá surgir “o trabalhador livre, não proprietário das condições objetivas, negado em sua subjetividade” (p. 154). Então, é a partir da quebra dessas relações de propriedade que surge historicamente, as desigualdades, “relações de dominação e poder” (p. 154). Assim, explica Carvalho (1985), passa a ser central se entender como na Antropologia essas passagens de sociedades sem classes para a de classes que necessariamente se expressa através da quebra da comunidade (necessário também a compreensão de como se constitui a comunidade) e definições sobre o que é “o igualitário, o primitivo, a alteridade” (p.154). Exemplificando o funcionalismo, que Carvalho (1985) cita como “simples e incompleto” (p.154), as explicações estão centradas na “constituição da comunidade e em sua integridade institucional” (p.154). Mas, no marxismo antropológico, Carvalho (1985) menciona que:

...ao tomar por base que a correspondência forças produtivas/relações de produção era fundamental para definir a forma comunitária, acabou por se concentrar mais nas condições de persistência e dissolução dessa modalidade histórico-social e nas contradições a ela imanentes, estas responsáveis diretas pelos movimentos, passagens, evoluções e transições que viriam a ser por ela experimentados ulteriormente (CARVALHO, 1985, p. 154).

Dessa forma, Carvalho (1982), explica que a história passa então a ser considerada “in flux” dentro de um processo não linear, “multiforme, contraditório” (CARVALHO, 1982, p. 215). Daí, Carvalho (1985) menciona três autores, Mellassoix, Godelier e Rey que na década de 1960 produziram reflexões sobre “formas comunitárias de produção”

(p.154) e que contribuíram assim para uma história do Marxismo. É sobre particularmente a produção de Godelier que vamos nos ater nos comentários de Carvalho (1985), pois ele é considerado um antropólogo bastante importante no campo da Antropologia marxista.

Antes, porém, de dar continuidade àquele artigo de Carvalho datado em 1985, é interessante citar que esse antropólogo é o organizador do volume da publicação Grande Cientistas Sociais da série Antropologia, cuja introdução é de sua autoria (CARVALHO, 1981). Foi Carvalho (1981) que selecionou os textos desse volume a partir de temáticas que organiza enquanto “principais problemáticas teóricas e metodológicas da produção bibliográfica de Godelier” (p.31).



Assim, na primeira parte desse volume, intitulado A Racionalidade dos Sistemas Econômicos, Carvalho (1981) explica que selecionou textos em que Godelier dialoga com autores da economia, e que demonstram que há um “rompimento definitivo com o binômio formalismo / substantivismo” (CARVALHO, 1981, p. 32) e são textos que servem também para “analisar as características gerais das formações econômicas não-capitalistas” (p. 32). Na segunda parte intitulada Pensamento Primitivo e Historicidade, Carvalho (1981) justifica que os quatro textos foram selecionados como respostas às críticas feitas a Godelier sobre que ele teria adotado perspectiva estruturalista a-histórica. Assim, são textos que explicam como o modo de produção asiático se transformou no capitalismo, sendo importante a compreensão da natureza e evolução dessas sociedades. Na terceira parte, intitulada Produção, Parentesco e Ideologia, Carvalho (1981) explica que os seis textos selecionados refletem pensamento contemporâneo de Godelier, tais como dentro da “concepção geral da causalidade estrutural da economia e da dominância de outras

esferas do social” (p. 32). Essas temáticas abordadas por Carvalho (1981), dentro de textos que selecionou de autoria de Godelier, servem, desde já, como indicações dos elementos norteadores para compreensão das preocupações teóricas de Godelier até a década de 1980. É, portanto, importante explorar alguns artigos desse autor para entender essa divisão que Carvalho (1981) faz visando ilustrar o trabalho antropológico desenvolvido por Godelier.

Assim, retornando ao artigo de Carvalho (1985), é importante citar como ele explica sobre a insignificância do desenvolvimento do marxismo antropológico no Brasil. Carvalho (1985) aponta que isso aconteceu devido a diferentes ordens, mas principalmente por não ser considerado útil e principalmente pela grande influência do funcionalismo no Brasil. Daí, ele cita a antropóloga Eunice Durham (s/d) para exemplificar essa sua colocação:

...o Marxismo teve uma penetração lenta e difícil na Antropologia. Desprovido de uma teoria do símbolo... o marxismo não pode ser transportado de modo imediato para a interpretação dos resultados da investigação empírica limitada, qualitativa, multi-dimensional que caracteriza o trabalho antropológico... De modo geral continuou-se a fazer pesquisa como faziam os funcionalistas, mas tentando encontrar ganchos que permitissem interpretar os resultados com conceitos como modo de produção, relações de trabalho e luta de classes (DURHAN, s/d [apud CARVALHO, 1985, p. 155]).

Mas, essa crítica que Durham (s/d) faz ao marxismo na Antropologia parece não se enquadrar na produção de Godelier, uma vez que ele desenvolve explicações, como mais adiante abordaremos, que focalizam questões simbólicas, principalmente nas suas publicações mais recentes, como é o caso do **Enigma do Dom** (2001) onde, como observa Naveira (1999), ele analisa a lógica simbólica e questões do imaginário dissertando sobre as coisas que se dá, aquelas que se vendem e as que nem se dá nem se vende, mas são guardadas.

Depoimento de Godelier registrado em 2009 em Paris: <http://revistaestudospoliticos.com/entrevista-com-maurice-godelier-por-bernardo-buarque-e-rodriigo-ribeiro/>

Carvalho (1985) explica que Godelier (1971) na sua publicação intitulada **A Antropologia Econômica**, procurando trazer a “abordagem materialista” (CARVALHO, 1985, p.155) para o campo antropológico, orienta-se em termos de princípios metodológicos. tais como:

...que o conceito de totalidade não é mais entendido como justaposições e camadas de instituições fundadas na regularidade comparativa, mas como sistema cuja lógica interna deve ser apreendida em suas contradições internas, em segundo que a análise da gênese histórica e da evolução é sempre posterior ao entendimento da especificidade interna. Finalmente, em terceiro que a causalidade estrutural dos processos de produção e reprodução materiais devem fornecer vetores determinantes da dinâmica sócio-histórica (CARVALHO, 1985, p. 155).

Então, Carvalho (1985) analisa que esses são sim os princípios que nortearam as análises que Godelier faz, principalmente sobre os Incas e sobre os Mbuti. Assim, sobre os Mbuti, Carvalho (1985) explica que Godelier conclui que “as práticas religiosas representariam um trabalho simbólico sobre as contradições sociais, no sentido de garantir a reprodução do ‘sistema social Mbuti’” (CARVALHO, 1985, p. 155). Sobre os Incas, ele aponta que:

...mesmo que os conceitos de modo de produção e formação social ainda tomem conta de toda análise, nada disso torna imperativa a conclusão de que a forma capitalista não destrói simplesmente tudo aquilo que encontra pela frente mas que, em muitos casos, usa relações sociais que lhe são estranhas para garantir seu próprio avanço e perpetuação” (CARVALHO, 1985, p. 156).

Gostaria de chamar atenção para esse comentário que se relaciona à forma de entendimento do processo histórico de expansão do capitalismo ocidental e que é considerado em termos de mudança social em outros contextos da antropologia, como é o caso da antropologia dinâmica ou processualista, como vimos anteriormente. Mais adiante, abordaremos essa questão dentro da forma como Sahlins também desenvolve análises considerando a história de forma bem semelhante a Godelier.

Entrevista com Godelier (2011) <http://revistaestudospoliticos.com/entrevista-com-maurice-godelier-por-bernardo-buarque-e-rodrigo-ribeiro/>

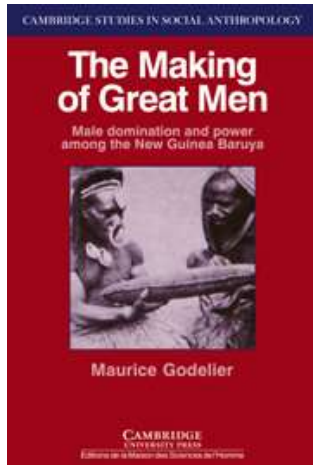
Sob a influência de Lévi-Strauss, particularmente do livro **O Pensamento Selvagem**, Carvalho (1985) ainda comenta como Godelier nos seus últimos trabalhos se preocupa com questões relacionadas “às partes ideais, aos fundamentos do pensamento selvagem, ao fetichismo e ‘a teoria geral da ideologia’” (CARVALHO, 1985, p.158). Para ilustrar esse comentário de Carvalho (1985), destaco um trecho do artigo A Parte Ideal do Real, onde Godelier (1971, p. 190) cita literalmente Lévi-Strauss:

...é evidente que entre todas as representações que o homem tem de si próprio e do mundo, quando caça, pesca, prática de agricultura, etc. e que lhe servem para organizar estas atividades, tudo não é ilusório. Contêm imenso tesouro de

‘verdadeiros’ conhecimentos e de conhecimentos verdadeiros que constituem uma verdadeira ‘ciência do concreto’, conforme a expressão de Lévi-Strauss a propósito do pensamento ‘selvagem’ (GODELIER, 1981, p. 190).

Godelier. Sobre a importância da antropologia e o trabalho de campo

<http://youtu.be/m0YR4QNUSGM>



The Making of Great Men (GODELIER, 1986) é um livro que aborda a dominação masculina refletida em vários aspectos entre os Baruya da Nova Guiné, desde práticas xamanísticas, ideologia de concepção, rituais de iniciação, etc. A materialização e prática dessa dominação masculina diz respeito a forma como os Baruya se organizam socialmente através da desigualdade e relação de poder que marcam a diferença sexual.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM:

- Faça leitura e elaboração de fichas-citação dos seguintes textos de autoria de Godelier -**Moeda de Sal e Circulação das Mercadorias entre os Baruya da Nova Guiné** (1981b); - **A Parte Ideal do Real** (1981a)
- Faça uma tabela onde, de forma esquemática, sejam elencadas as obras citadas por Carvalho (1985) de autoria de Godelier e assim constem os comentários e características que Carvalho (1985) aponta dessa produção, destacando os textos etnográficos da atividade do item (a) acima.

5.2 Antropologia e História

Os trabalhos etnográficos constituem *per se* um registro histórico, sejam eles de orientação metodológica diacrônica ou sincrônica, trazem dados que estão situados num contexto histórico-local. Antropólogos tem considerado a história como referência importante para compreensão de povos que investigam, inclusive reunindo dados para entendimento de processos históricos que as populações investigadas passam.

Antropologia: Teoria][História <http://www.unsa.edu.ar/teorias/index.html>

Marchal Sahlins, como já mencionado anteriormente, traz discussões contemporâneas dentro dessa relação da antropologia com a história. Através de sua produção bibliográfica pode-se observar que ele transitou por diferentes escolas. Kuper (2002) chama atenção para a trajetória de Sahlins que foi um evolucionista devoto durante uns vinte anos, passando de um “simpatizante do marxismo para um tipo de determinismo cultural” (KUPER, 2002, p. 213).

Em seu livro **Cultura e Razão Prática** http://minhateca.com.br/atilamunizpa/Documentos/SAHLINS*2c+Marshall+-+Cultura+e+raz*c3*a3o+pr*c3*a1tica+dois+paradigmas+da+teoria+antropol*c3*b3gica,2982862.pdf, Sahlins (2003) explora argumentos, segundo os comentários da antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2005):

Com rigor acadêmico e fino senso de humor... [que] desdobram-se em dois planos. De um lado, "razão prática" e "cultura" são noções polares, agregadoras de posições diversas dentro da antropologia e das ciências humanas em geral, num leque temporal que, inaugurado no século XIX, atravessa todo o século XX. De outro, busca-se a superação do dualismo proposto como ponto de partida. Conforme o debate percorre as arenas intelectuais definidoras de seus próprios termos, delinea-se com força crescente a posição do autor, de base estruturalista: a razão simbólica é a qualidade específica da experiência humana, aquela experiência cuja condição de existência é a significação (CAVALCANTI, 2005, p.318).

Ler a resenha sobre essa obra de Sahlins (2003) **Cultura e Razão Prática** de autoria de Maria Isaura Viveiros de Castro Cavalcanti (2005) http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000100013

Essa mesma busca de “superação do dualismo proposto” que Cavalcanti (2005) menciona que Sahlins (2003) faz em **Cultura e Razão Prática**, pode-se também se constatar ao seu mais recente livro **Cultura na Prática** (SAHLINS, 2007), que esta dividido em três partes intituladas Cultura (parte I), Prática (parte II) e Cultura na Prática (parte III) e que reúne diferentes textos produzidos por ele em variadas épocas.

Ver como foi organizado diferentes dados desse livro na postagem **Notas para a Prova de Antropologia: SAHLINS, Marshal. Cultura na Prática** do blog:

<http://umapiruetaduaspiruetas.com/2011/11/19/notas-para-a-prova-de-antropologia-sahlins-marshall-cultura-na-pratica>

No ensaio bibliográfico intitulado **Marshal Sahlins e as “Cosmologias do Capitalismo”**, Marcos Lanna (2001) inicia explicando que aborda criticamente esse artigo de Sahlins publicado em 1988 porque “incorpora reflexão sobre a história apresentada anos antes (SAHLINS 1981, [1990]), [quando ele] retoma a crítica à razão prática (SAHLINS, [2003]) e, ao mesmo tempo, anuncia reflexões mais recentes sobre o pensamento ocidental (SAHLINS 1993a; 1993b; 1996; 1997; 1998)” (LANNA, 2001, p. 117). Lanna ainda cita que por esse trabalho de Sahlins (1988), **Cosmologias do Capitalismo: O Setor Trans-Pacífico do ‘Sistema Mundial**, trazer nova perspectiva sobre “trocas”, ainda acrescenta sofisticação ao artigo então publicado por Sahlins intitulado *Stone Age Economics* (1972). Daí, o objetivo de Lanna (2001), como ele explicita, é “avaliar as contribuições do autor, por meio de uma crítica que assume uma perspectiva interna à sua obra” (p.117). Nesse pequeno parágrafo, Lanna (2001) enuncia toda trajetória acadêmica de Sahlins através de suas publicações, por isso considero uma importante referência para entender o pensamento de Sahlins dentro de sua produção bibliográfica.

Lanna (2001) explica que Sahlins utiliza e expande a noção de práxis em Marx e ainda utilizando Lévi-Strauss (2008), em **O Pensamento Selvagem**, segue em direção sobre o entendimento da “produção da vida social como apropriação da natureza” (p. 117) dentro “de uma determinada forma de sociedade” (p.117-118), uma vez que a noção de modo de produção “não especifica qualquer ordem cultural” (SAHLINS, 1988, p. 51 *apud* [LANNA, 2001, p. 118]). Assim, Lanna (2001) descreve que para Sahlins a “história dos povos” (p.117) não está reduzida “às condições materiais” (p.117), para isso Sahlins utiliza como exemplo três sociedades (havaiana, os Kwakiult, e a chinesa) para argumentar que se trata de uma relação dentro de processo de globalização (que sempre existiu) e que não são “vítimas do capitalismo” (p.117), mas “responsáveis pela sua própria história” (p.117). E dessa forma, explica Lanna (2001), Sahlins utiliza a “lógica local... do lado ‘colonizado’” (LANNA, 2001, p 118) enquanto análise de “metáforas históricas” (p.118), como é o exemplo havaiano.

É no livro **Ilhas da História** onde Sahlins (1990) traz essa perspectiva teórica que se relaciona com a noção da ‘estrutura em conjuntura’, quando ele analisa, por exemplo, a relação entre os britânicos e havaianos dentro dessa perspectiva da lógica local. Assim, através de um mito havaiano, Sahlins (1990) explica sobre a chegada de deuses dentro da percepção havaiana sobre a chegada dos britânicos e como isso é refletido na relação deles estabelecida com os britânicos.

Assistir a videoaula Marshal Sahlins. La estrutura em conjuntura

<http://youtu.be/wGZULHrVYsE> .

Em **Marshal Sahlins talks “The Culture of Material Value and the Cosmography of the Difference”**, palestra realizada em King’s College, Cambridge em 2013, Sahlins discute sobre os problemas da economia, citando Godelier, sobre o consumo e bens materiais dentro de abordagem contemporânea. Ele afirma que “...atrás de valores peculiares estão valores realmente significativos que não estamos realmente conscientes... das opções econômicas”. Ele diz que “os valores utilitários são diferentes valores culturais” relacionados a “ordem cultural e social” e assim “o mercado é um meio da ordem cultural... uma expressão da ordem cultural”
<https://www.youtube.com/watch?v=13vX9VbPbkA> . Essa palestra foi publicada pelo HAU: Journal of Ethnographic Theory
<file:///C:/Users/Silvia%20Martins/Downloads/344-1749-1-PB.pdf> (SAHLINS, 2013).

No artigo sobre o pensamento de Sahlins, Schwarcz (2001) chama atenção para como esse autor através de sua produção dentro da “estrutura na história” (p. 130), consegue abordar questão do poder (que não vinha sendo considerada na antropologia) ao mesmo tempo que concentra-se num diálogo entre abordagem diacrônica e sincrônica.

<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/53108/57170>

No seu artigo **O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção** (Parte I)

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002&lng=en&nrm=iso)

[93131997000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002&lng=en&nrm=iso), Sahlins (1997) discute toda a crise relacionada ao conceito de cultura e argumenta que:

...pode[-se] hoje concluir a respeito disso é que não conhecemos *a priori*, e evidentemente não devemos subestimar, o poder que os povos indígenas têm de integrar culturalmente as forças irresistíveis do Sistema Mundial. Portanto, não basta assumir atitudes de denúncia em relação à hegemonia. Os antropólogos sempre terão, além disso, que dar testemunho da cultura (SAHLINS, 1997, p. 64).

É essa a mensagem que Sahlins (1997) retoma que tem sido a eterna missão dentro do trabalho antropológico, de focalizar e abordar culturas, questões culturais contemporâneas dentro dos contextos específicos de povos que foram ocidentalizados, e que ao mesmo tempo não são ocidentais, são indígenas e possuem suas particularidades dentro de elaborações próprias nas suas experiências históricas.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM:

- a) Fazer ficha-citação do texto de Kuper (2002) intitulado Marchall Sahlins: História como Cultura, e associar comentários e observações que Kuper descreve da antropologia desenvolvida por Sahlins e as características citadas em outros autores da produção acadêmica desse antropólogo.
- b) Compare os dois artigos de Schwarcz (2001) e de Lanna (2001) sobre Sahlins fazendo um esquema onde esteja organizado as principais observações que fazem sobre a obra e pensamento de Sahlins.

5.3 Sobre Globalização, Interculturalidade...

No seu artigo **Globalização: Antropologia e Religião**, o antropólogo Otávio Velho (1997) explica porque existe uma resistência entre antropólogos em considerar o fenômeno da globalização enquanto objeto de estudo <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2458.pdf> . Após explicar sobre divergências entre antropólogos e cientistas sociais, Velho (1997) esclarece que a hipótese que segue é que “...em geral o que se disputa é simplesmente a definição do que é determinante – se o local, o global ou alguma combinação dos dois ... sem assumir que estamos diante de realidades inseparáveis da própria ação humana (p.134). Daí, Velho (1997) sugere que “a questão da globalização” deve ser considerada em termos de “perspectiva” (p. 134). Então “poder-se-ia pensar a ‘globalização’ (ou as interdependências), no limite, em qualquer situação, ou alternativamente, poder-se-ia colocar a questão entre parênteses. O ‘novo’ de hoje só o seria na medida em que se considere que recaptura de modo fértil o passado; mas, ao fazê-lo, paradoxalmente o efeito será relativizar-se enquanto ‘novo’

(Velho, 1997, p.134). E assim, Velho (1997) chama atenção que isso envolve uma própria “desconstrução” (p. 134) de práticas profissionais e um desafio dos antropólogos para se debruçarem sobre um novo objeto. Mas isso, esse “descongelamento” (p; 135), observa ele, já vem sendo feito pelos antropólogos, que não utilizam o termo globalização, daí Velho (1997) cita o exemplo de Sahlins que explora questões locais e históricas dentro de uma abordagem estrutural.

Ver disciplina do PPGAS do Museu Nacional proposta pelo antropólogo Carlos Fausto intitulada **Antropologia e Globalização**

http://www.museunacional.ufrj.br/ppgas/antropologia_glob_carlos_cursos2011.pdf

Assistir o vídeo **Globalização e Identidade**

<https://www.youtube.com/watch?v=MpzBwxHc1D8> e explicar quais os elementos considerados, nesse trabalho de equipe de um seminário de antropologia, que se relacionam com questões de globalização?



Néstor Garcia Canclini

Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/u275/canclini.jpg&imgrefurl=http://www3.eca.usp.br/eventos/ppgcom-realiza-aula-inaugural-com-n-stor-garcia-canclini&h=182&w=277&tbnid=xgdY_WNW9KwIAM:&zoom=1&tbnh=79&tbnw=119&usq=__5Mr66z63-SgTDtmxLJscBSE5BM=&docid=UU8O0Y366_U4kM&itg=1&sa=X&ei=qcHDU8rBFsLhsATZooCgBw&ved=0CI8BEPwdMAo

O antropólogo argentino Néstor Garcia Canclini (2007) escreve um livro intitulado **A Globalização Imaginada** onde aponta que o “fenômeno da globalização” é um “objeto cultural não identificado”.

http://books.google.com.br/books?id=1GYOetkm64C&pg=PA170&jpg=PA170&dq=Globaliza%C3%A7%C3%A3o+e+Antropologia&source=bl&ots=XefdfF4qD&sig=N62NZAN_6R5QSpW8XIIKM7DEAfQ&hl=pt-BR&sa=X&ei=Q7vDU-qVFifLsATPg4DoBg&ved=0CEsQ6AEwBjgU#v=onepage&q=Globaliza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Antropologia&f=false ,

Dentro do limitado acesso a conteúdos dessa obra, é importante fazer anotações sobre como esse autor explica e situa questões sobre globalização.

Assistir e anotar o que ele fala sobre globalização, nacionalização e transnacionalização

Canal Entrevista Nestor Canclini <https://www.youtube.com/watch?v=t3ZntEDVLU4>

Ler o artigo do antropólogo Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque (2010), intitulado **A Intenção Pankararu**.(a “dança dos “praias” como tradução intercultural na cidade de São Paulo). O objetivo é entender o uso da noção de interculturalidade num contexto contemporâneo etnográfico sobre índios no *setting* urbano. <file:///C:/Users/Silvia%20Martins/Downloads/17-66-1-PB.pdf>

Assistir a vídeoaula **Índios na Cidade** <http://laced.etc.br/site/atividades/video-aulas/o-estado-e-os-povos-indigenas-no-brasil/videoaula-3-indios-nas-cidades/> dada por João Pacheco de Oliveira Filho, do LACED/MN/UFRJ.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM:

- a) Explicar como Velho (1997) aborda o fenômeno da globalização dentro da antropologia. Faça uma ficha-citação desse seu artigo e relacione temáticas abordadas que divergem e/ou são semelhantes entre Velho (1997) e García Canclini (2007)
- b) Explicar a partir dos textos de autoria de García Canclini (2007, 2005) como esse autor explica e inter-relaciona os fenômenos da globalização e interculturalidade e aborde como Albuquerque (2010) utiliza García Canclini (2005).

GLOSSÁRIO:

Termos selecionados e explicados referentes à Unidade 5. Organização final de termos e noções inseridos no Glossário para confecção final e inclusão no livro da disciplina Antropologia 3.

OBSERVAÇÕES FINAIS:

Retomando o texto de Cardoso de Oliveira (1988), considero interessante mencionar que ele conclui Tempo e Tradição, chamando atenção para o problema de modismos que surgem, e explica que somente através da “reflexão crítica e da pesquisa séria” (p. 24) podemos evitar o “desenvolvimento perverso e mitificador” (p. 24) de radicalismos. Segundo Cardoso de Oliveira (1988) a “Antropologia no Brasil é suficientemente madura para derrogar essa ameaça e assumir esse ‘espanto’ sobre si mesma, sobre seu próprio SER” (p. 24). E assim, recomenda:

... uma interrogação permanente a alimentar o exercício de nosso ofício; ofício que não seja apenas um ritual profissional consagrado à eternização da academia ou à legitimação da intervenção... naquelas parcelas da humanidade que... constituíram a nossa disciplina (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 24).

Cardoso de Oliveira (1988), então, menciona que “... o modo político de conhecermos o outro e de nos conhecermos a nós mesmos, o estilo da antropologia que fazemos no Brasil” relaciona-se com “o compromisso de nossa solidariedade e o nosso devotamento à defesa de ... direitos [dos povos estudados] (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p.24).

E isso que Cardoso de Oliveira (1988) chama atenção como uma característica da Antropologia desenvolvida no Brasil diz respeito a nossa forma institucionalizada de ser, como é o exemplo da Associação Brasileira de Antropologia-ABA (<http://www.portal.abant.org.br/>). Se compararmos como alguém se torna membro da ABA ou da American Anthropological Association-AAA (<http://www.aaanet.org/>), observamos que a forma como indivíduos se afiliam a essas associações é menos burocratizada na AAA. Enquanto que se torna fundamental a referência de antropólogos para respaldarem aqueles que querem se associar à ABA, o que revela uma preocupação mais controlada de política de inserção de membros na associação brasileira.

Sugiro para aqueles interessados em antropologia, particularmente no que acontece na nossa casa, em termos de antropologia brasileira, fiquem atentos ao site da ABA (<http://www.portal.abant.org.br/>) e sempre prestar atenção nas bibliotecas, eventos, etc. É um excelente canal para se ter acesso ao estado de arte desse nosso campo disciplinar.

REFERÊNCIAS:

- ALBUQUERQUE, Marcos Alexandr dos Santos. A intenção Pankararu.(a “dança dos “praias” como tradução intercultural na cidade de São Paulo). **Cadernos do LEME**, Campina Grande, v.2, n.1, p.2 – 33. 2010. Disponível em: <http://leme.ufcg.edu.br/cadernosdoleme/index.php/e-leme/article/view/17> . Acesso em: 12/abr/2014.
- BARTH, F. **O gurú, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa. 2000.
- CALDEIRA, M. P. do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, n.21, 1988. Disponível em: http://lw1346176676503d038.hospedagemdesites.ws/v1/files/uploads/contents/55/20080623_a_presenca_do_autor.pdf Acesso em: 23/out/2013.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: CNPq. 1988.
- _____. **O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever** São Paulo: Editora UNESP. 1996.
- CARVALHO, Edgard de Assis Carvalho. Marxismo antropológico e a produção das relações sociais . **Perspectivas**. São Paulo, v.8, p.153-175. 1985. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1850/1517> . Acesso em: 18/mar/2014.
- _____. (Org.) Introdução. In **Godelier – Antropologia**. São Paulo: Atica, p.07-34. 1981.
- CAVALCANTI, M. L. V. de Castro. Cultura e razão prática. Resenhas. **Mana**, Rio de Janeiro v.11, n.1, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000100013>> Acesso em: 12/abr/2014.
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica antropologia e literatura no século XX;** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- CLIFFORD , J. ; MARCUS, G. (Eds.) **Writing culture: the poetics and politics of ethnography**, Berkeley,CA: University of California Press. 1986.
- COPANS, Jean. **Críticas e políticas da antropologia**, Lisboa: Edições 70. 1981.
- DE BEAUVOIR, S. As estrutura elementares de parentesco de Claude Lévi-Strauss **Campos**, v.8, n.1, pp.183-189, 2007.
- DELGADO ROSA, O fantasma de Evans-Pritchard: Diálogos da antropologia com sua história. **Etnográfica. Revista do Centro de Rede de Investigação em Antropologia** v.15, n.2, 2011. Disponível em: <http://etnografica.revues.org/965>. Acesso em: 15/abr/2014.
- DURHAM, E. DURHAM, E.R. — Antropologia hoje: problemas e perspectivas, (**mimeo.**) s/d.

- EVANS-PRITCHARD, E. **Essays in Social Anthropology**. Londres: Faber and Faber.1962
- _____. **Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva. 2007. Disponível em: <http://sociofespsp.files.wordpress.com/2013/08/evans-pritchard-tempo-e-espac3a7o-in-os-nuer.pdf> Acesso em: 20/jun/2014.
- FORTES, M.; EVANS-PRITCHARD, E. E. **Sistemas Políticos Africanos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.1981.
- FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_do_oprimido.pdf Acesso em: 22/jan/2014.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: Mapas da Interculturalidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2005.
- _____. **Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras. 2007
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- _____. **Obras e Vidas. O antropólogo como Autor**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 2005.
- GLUCKMAN, Max O reino dos Zulos na África do Sul. In: Fortes e Evans-Pritchard **Sistemas Políticos Africanos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1981.
- _____. Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna In BIANCO, Bela Feldman, Ed. **Antropologia das Sociedades Complexas**. São Paulo, Ed. Global, p. 273-365, 1986.
- GODELIER, Maurice. _____. A Antropologia Econômica. In **Antropologia ciência das sociedades primitivas?** Lisboa: Edições 70; p. 142-189, 1971.
- _____. **The Making of the Great Men**. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.
- _____.; A Parte Ideal do Real In. CARVALHO, E. A. **Godelier Antropologia**. São Paulo: Atica, p.185-203, 1981a
- _____. “Moeda de sal” e circulação das mercadorias entre os Baruya da Nova Guiné. In CARVALHO, E. A. **Godelier Antropologia**, São Paulo: Atica, p.124-162, 1981b
- _____. **O Enigma do Dom** . São Paulo: Civilização Brasileira. 2001.
- HARRISON, F. **Decolonizing Anthropology Moving further toward an Anthropology for Liberation**, HARRISON, Faye Harrison (Ed). Arlington,VA: Association of Black Anthropologists. AAA. 1997.
- KROEBER, A.L. **Anthropology. Race- Language – Culture – Psychology - Prehistory**. New York: Harcourt, Brace Company. 1948.
- KUPER, Adam. **Antropólogos e Antropologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1978

- _____. Entrevista. Colônias, Metrôpoles: um Antropólogo e sua Antropologia entrevista por C, Fausto e F. Neiburg. **Mana**, Rio de Janeiro. v.6, n.1, p.157-173, 2000 Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/28209814/Adam-Kuper-Colonias-metropoles-um-antropologo-e-sua-antropologia> Acesso em: 18 abr, 2014.
- _____. **Cultura, a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC. 2002.
- _____. Histórias Alternativas da Antropologia Social Britânica. **Etnográfica**. v.9, n.2. 2005, p.209-230. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_09/N2/Vol_ix_N2_AKuper.pdf . Acesso em: 20 abr, 2014
- LANNA**, Marcos. Ensaio Bibliográfico sobre Marshal Sahlins e as “Cosmologias do Capitalismo”, Rio de Janeiro. **Mana**, v. 7, n.1, p. :117-131, 2001
- LEACH, E. **Social and economic organization of the Rowanduz Kurds**. Londres: Berg Publishers, 1940.
- _____. **Political systems of highland Burma**. Londres: London School of Economics and Political Science. 1954.
- _____. **As idéias de Lévi-Strauss** São Paulo: Cultrix. 1982.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. _____. **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70. 1955
- _____. **Raça e história**. Lisboa: Edições 70. 1971
- _____. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976
- _____. **A via das máscaras**. Lisboa: Editorial Presença. 1981
- _____. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes.1982.
- _____. **História de lince**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. **Saudades do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.1994
- _____. **Olhar, escutar, ler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- O Homem nu. Mitológicas IV**, Lisboa: Cosac Naify, 2011.
- _____. **O pensamento selvagem**. Campina,SP: Papyrus, 2008.
- _____. Lévi-Strauss nos 90. A Antropologia de Cabeça para Baixo Entrevista a Eduardo Viveiros de Castro. **Mana**, v.4, n.2, p.119-126, 1998.
- _____. Voltas ao passado. **Mana**, v. 4, n. 2, p. 105-117, 1998.
- _____. **O cru e o cozido: Mitológicas I**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- _____. **Do mel às cinzas: Mitológicas II**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- _____. **A origem dos modos à mesa: Mitológicas III**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MARCUS, George. Entrevista com George Marcus. Entrevista realizada por Heloísa Buarque de Almeida, Lídia Marcelino Rebouças e Vagner Gonçalves da Silva. São Paulo. **Cadernos de Campo**, v. 3, 1993.
- MARCUS, G.: FISCHER, M. (Eds.) **Anthropology as Cultural Critique**. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1986.
- MARCUS, George. E. ; FISCHER, Michael. J. Ethnography and interpretative anthropology. In: MARCUS, George. E.; FISCHER, Michael

(Eds.) *Anthropology as Cultural Critique*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, pp. 17-44, 1986.

MASSI, Fernanda A. **As Estratégias Textuais de Clifford Geertz. Cadernos de Campo** Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/40313/43198>
Acesso em 18 abr, 2014.

MOREIRA, João Paulo Aprígio. Marcus, George. E. & Fischer, Michael. J. 1986. "Ethnography and interpretative anthropology". In: *Anthropology as cultural critique. Caderno de Leituras: Quando os livros são o campo*. 2009. Disponível em:
<<http://stormblast.wordpress.com/2009/11/06/marcus-george-e-fischer-michael-j-1986-%E2%80%99Cethnography-and-interpretative-anthropology%E2%80%9D-in-anthropology-as-cultural-critique>>
Acesso em: 22 abr, 2013

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva, Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas**. In *Sociologia e Antropologia*. v.2, São Paulo: Edusp.

MELATTI, Júlio César. *Antropologia no Brasil, um Roteiro*. Brasília, **Série Antropolgia UnB**.1983 Disponível em:
<http://www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-roteiro.pdf> Acesso em 18 jan, 2014.

NAVEIRA, O Enigma do Dom Resenhas Gadelier, Maurice. "L'inigme dl/ don". Paris: Librairie Arthème Fayard, 1996. Capa, v.1, n.1, s. 2. 1999.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Nosso governo: os Ticuna e o Regime Tutelar**. Rio de Janeiro: Marco Zero; Brasília,DF.: MCT-Cnpq. 1988.

PEIRANO, Mariza Onde está a Antropologia? Rio de Janeiro. **Mana**, v.3, n.2, 1997.

RADCLIFFE-BROWN, E.. Prefácio. In FORTES, M.; EVANS-PRITCHARD, J. **Sistemas Políticos Africanos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.1981..

RUBIN, Gayle. "El tráfico de mujeres: notas sobre la 'economía política' del sexo". **Nueva Antropología**, México, v. 8, n. 30, p. 95-145, 1986.

SAHLINS, Marshal. *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine. 1972.

_____. **Historical Metaphors and Mythical Realities: Structure in the Early History of the Sandwich Islands Kingdom**. Ann Arbor: The University of Michigan Press. 1981.

_____. *Cosmologias do Capitalismo: O Setor Trans-Pacífico do 'Sistema Mundial'". In: **Anais da XVI Reunião Brasileira de Antropologia**. Campinas, SP, pp. 47-106.1988*

_____. **Ilhas da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

_____. **Waiting for Foucault**. Cambridge:Prickly Pear Press. 1993a.

- _____. Goodbye to Tristes Tropes: Ethnography in the Context of Modern. 1993b. History. **Journal of Modern History**, 65:1-25.
- _____. The Sadness of Sweetness; the Native Anthropology of Western Cosmology..**Current Anthropology**, v.37, n.3, p. 395-428. 1996.
- _____. O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção. **Mana**, v. 3, n.1, p. 41-73 [ParteI] e **Mana**, v. 3, n. 2, 103-150.[ParteII] 1997
- _____. Two or Three Things that I Know about Culture. *Huxley Lecture*, 18 de novembro. 1998.
- _____. On the culture of material value and the cosmography of riches In **HAU: Journal of Ethnographic Theory** 3 (2): 161–95. 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/Silvia%20Martins/Downloads/344-1749-1-PB.pdf> Acesso em:
- _____. Cultura na Prática. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 2007.
- SMITH, L. Linda Thiwai. **Decolonizing Methodologies. Research and Indigenous Peoples**, London & New York: Zed Books, Dunedin: University of Otago Press.1999;
- SZTUTMAN, Renato. Ética e Profética nas Mitologias de Lévi-Strauss. In **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.15, n. 31, p. 293-319, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a12v1531.pdf> , Acesso em: 11/mai/2014.
- _____. Resenha de ‘O Homem Nu’, de Claude Lévi-Strauss . 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2012/01/14/resenha-de-homem-nu-de-claude-levi-strauss-426318.asp>> Acesso em 30 abr, 2014,
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Marshal Sahlins ou Por uma Antropologia Estrutural e Histórica. **Cadernos de Campo** , São Paulo, n. 9, pp. 125-133. 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/53108/57170>
- TRIPP, David. Pesquisa Ação: Uma Introdução Metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>
- VAN VELSEN, J. A Análise Situacional e o Método de Estudo de Caso Detalhado. In **A Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. Bela Feldman-Bianco, Ed. p. 345-374. 1987.
- VELHO, Otávio. Globalização: Antropologia e Religião. **Mana**, v.3, n.1, p.133-154, 1997.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Totemismo Revisitado.Perguntas Distintas,Distintas Abordagens. **Hábitus**. Goiânia, v.4, n.1, p.513-533, 2006.